

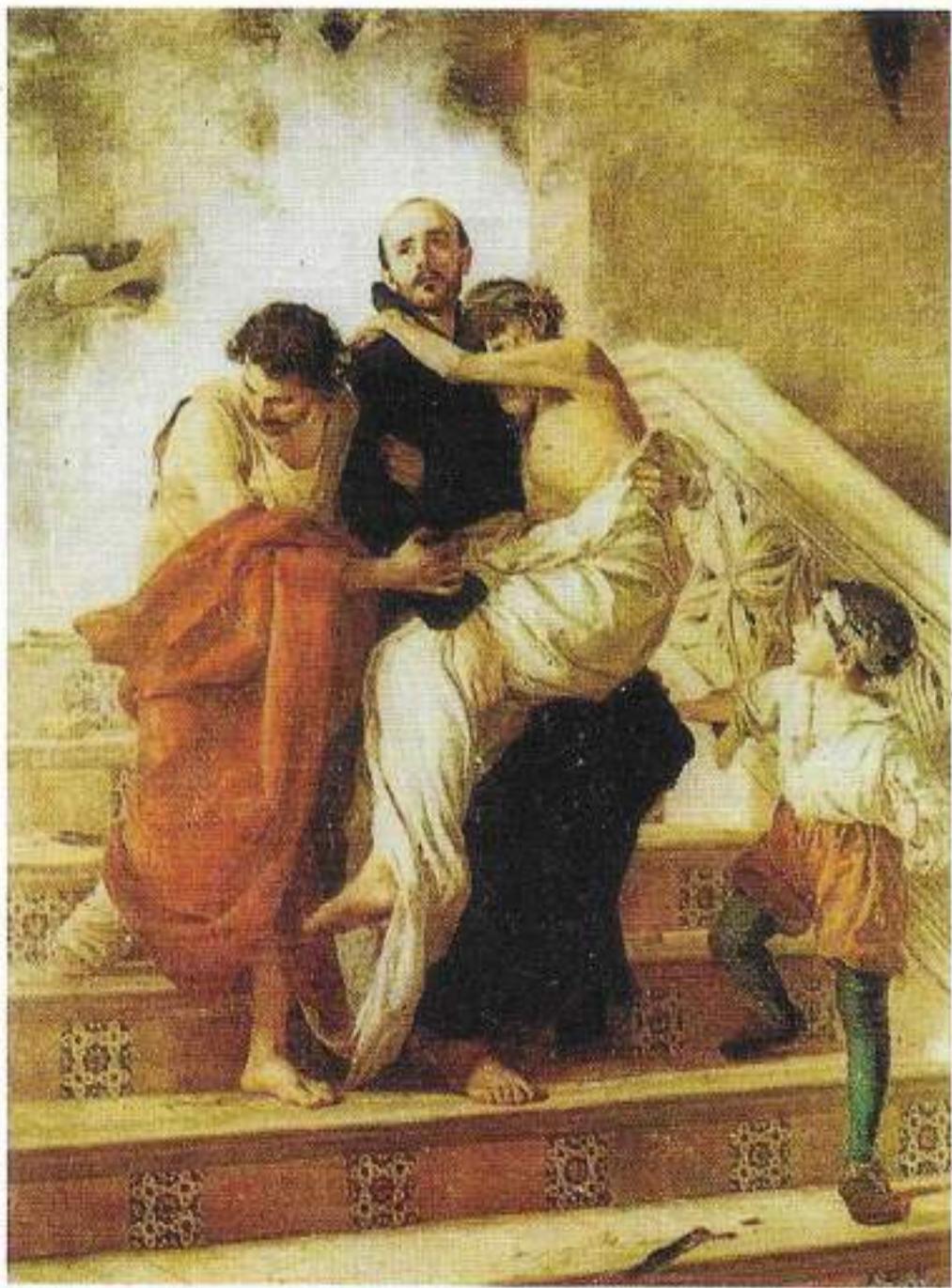
SOCIEDADE HISTÓRICA



DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

Boletim Informativo

PUBLICAÇÃO MENSAL • ANO IX • N.º 109 • MARÇO, 1995 • PREÇO: 200\$00

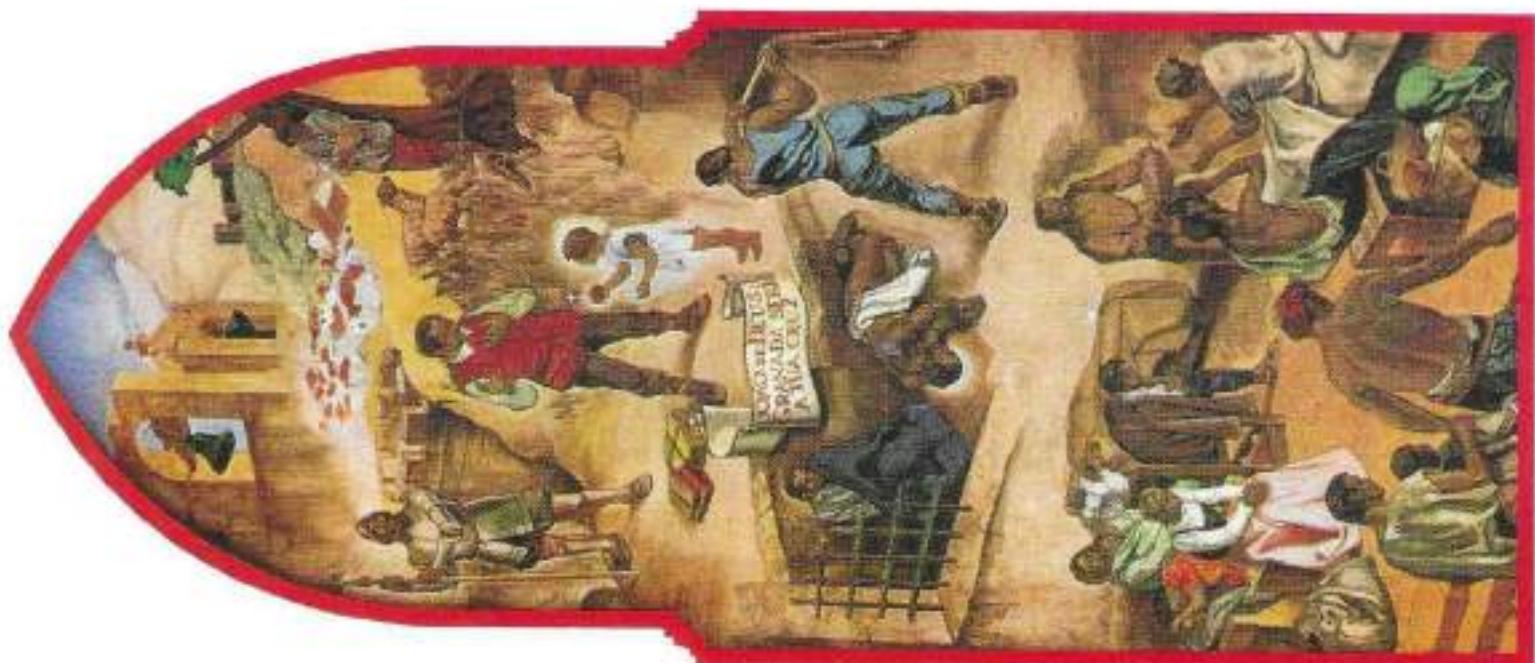
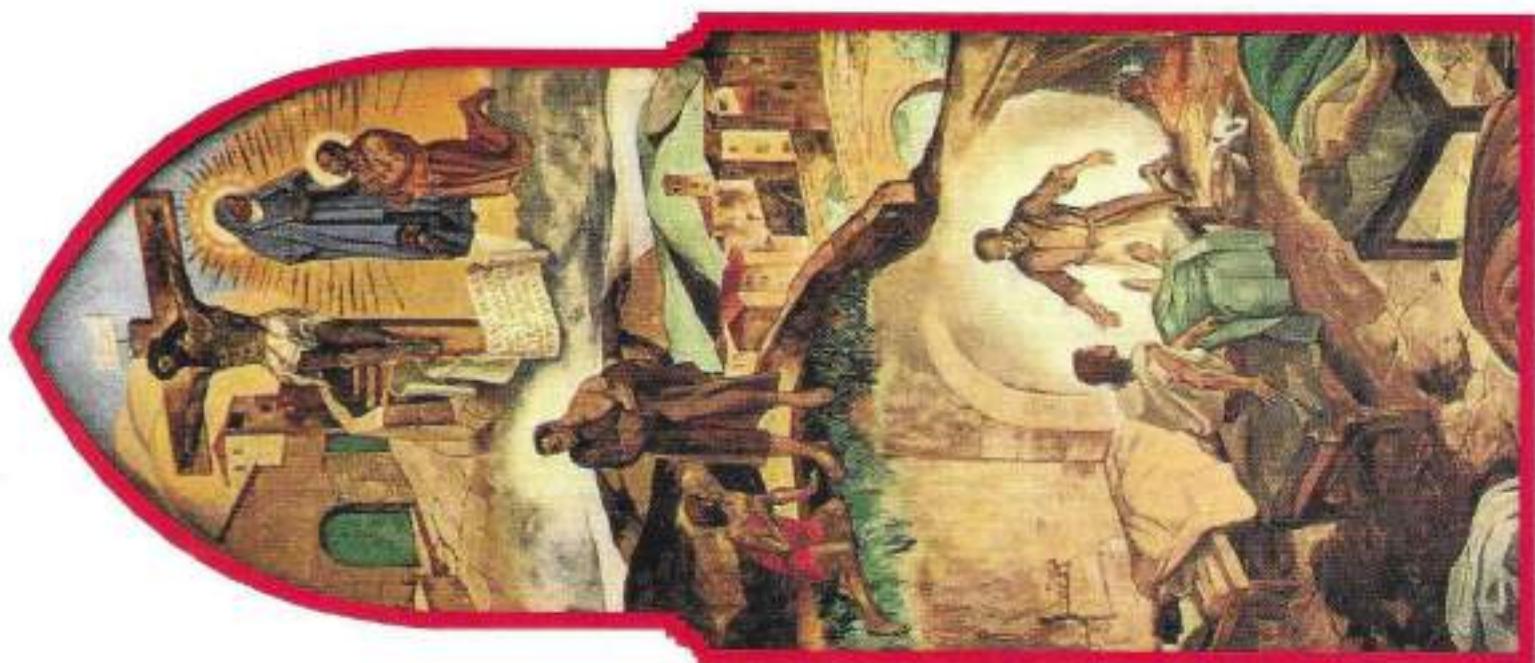


• QUAL ERA O CAMINHO
DE AFONSO XIII PARA PORTUGAL
segundo os arquivos de Paiva Couceiro

pág. 32

• V CENTENÁRIO DO NASCIMENTO
DE S. JOÃO DE DEUS

pág. 26





Boletim Informativo

SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

SUMÁRIO

PONTO DE REFLEXÃO	3
NOTÍCIAS SHIP	5
ACTUALIDADE	22
- ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS	
BIOGRAFIA	26
- S. JOÃO DE DEUS IMAGENS DA SUA VIDA E RESONÂNCIAS DA SUA OBRA	
HISTÓRIA	32
- QUAL ERA O CAMINHO DE D. AFONSO XIII PAIVA PORTUGAL SEGUNDO OS ARQUIVOS DE PAIVA COUCEIRO	
GALERIA DE RETRATOS	34
ICONOGRAFIA	23
- A PRESENÇA PORTUGUESA NO MUNDO	

CAPA:

«S. JOÃO DE DEUS»

Quadro de Gomez Moreno - Granada

FICHA TÉCNICA

Fundador: Mestre Dr. Carlos Vieira da Rocha
Director: General Manuel F. Theodosio Bereta

Conselho Editorial

Secretário: Alberto Reis
Consultor iconográfico e documental: Dr. Manuel A. Ribeiro Rodrigues
Publicidade e orientação gráfica: Jorge Rodrigues

Propriedade:

SHIP

Sede e Redação:

Palácio da Independência,
Largo de S. Domingos, 11
1150 LISBOA
Telef.: 342 89 47 / 346 21 67
Fax: 346 07 54

Impressão:

Tipografia da ADFA
Rua Antílbia Unr (Anexo H.M.P.)
Telef.: 383 35 95 - 1000 LISBOA

Depósito Legal: 1772

ISSN 9872-2005

Tiragem média: 5.000 Ex.

PONTO DE REFLEXÃO

“A Europa, entregue ao acrítico e arrogante optimismo dos políticos que fizeram da união política e do mercado dos subsídios de Bruxelas o fim e o princípio da justificação da sua legitimidade começa a despertar para os problemas reais do espaço económico e político, depois do fim da União Soviética, da reunificação da Alemanha, e da progressiva retirada Norte-Americana. A estas mudanças geopolíticas, a que não costumam ser muito sensíveis os fundamentalistas da macroeconomia, juntou-se, já mais inteligível para eles, o desastre do SME. E os contínuos efeitos de uma crise económico-social profunda, com raízes na mudança tecnológica e na própria nova ordem comercial mundial, que roubou aos europeus, definitivamente, empregos que não serão mais recuperados. É este mal-estar da Europa Ocidental, revelado pelo desemprego crónico de proporções alarmantes que se vem acrescentar, ao crescimento da instabilidade nas suas fronteiras e sul-orientais. Daí vêm fluxos de refugiados políticos e económicos – aos que se somam as consequências, para os seus vizinhos do sul – o Maghreb – da fortíssima onda de Fundamentalismo Islâmico – que do Egipto à Argélia, parece cada vez mais difícil de conter, no seu novo messianismo corânico.

No quadro geral, a Europa dos doze demonstrou a sua incompetência político-diplomática e a sua fraqueza militar nas sucessivas crises do pós guerra fria: na guerra do Golfo, que era longe, e na Jugoslávia que está à porta. Os esforços patéticos e as ameaças sem sequência nem consequência já fizeram perceber aos perturbadores da “ordem” – como os sérvios, de Milosevic –, que defrontam tigres de papel e que as continuadas ameaças de intervenção militar contra o agressor não são credíveis”.

Jáime Nogueira Pinto: Excerto da conferência “O Sentido e o Valor Actuais da Independência Nacional”, proferida na SHIP em 30/XI/93)

INTERCONNECT

O MELHOR
SISTEMA
TELEFÓNICO
AO SEU
DISPOR



A consola do operador
é o centro do sistema.

A GAMA INTERCONNECT 200

O Interconnect 200 é constituído por uma gama de equipamentos, cobrindo de 12 a 168 portos. A característica chave desta gama é o conjunto de partes e funções de todos os produtos. Isto quer dizer que, se começar com o pequeno sistema de 12 portos, pode beneficiar das mesmas vantagens, aspectos e facilidades que os sistemas de maior capacidade. Estes factores são conseguidos sem mudar qualquer modo de utilização do sistema, não sendo portanto necessário treinar operadora e utilizadores.



MITEL

SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE TELECOMUNICAÇÕES, LDA

Gerência de Jerónimo Ferreira & Filhos

R. An Telcel, 49 - 22 Funchal - 1100 LISBOA • Telef. 346 31 97 / 346 84 40 • Fax. 347 73 67

CONVERSAS DE FIM DE TARDE

Têm decorrido com regularidade estas "Conversas de Fim de Tarde", de acordo com o calendário estabelecido e já publicado. Queremos no entanto infor-

mar que, no dia 20 de Abril, estará presente para nos falar das suas impressões da viagem ao Brasil a Dra. Francisca Fernandes, nossa companheira na digressão da SHIP por aquelas terras e ilustre médica que bastante ajudou na referida viagem. A Dra. Francisca

Fernandes elaborou um precioso e brilhante trabalho, em prosa e verso, sobre o passeio, trabalho que intitulou "Novíssimas Crónicas Brasileiros" que, como noutra notícia fizemos, oportunamente, pensamos poder oferecer a cada participante.



O Sr. Eng.º Costa Moreira fala sobre "Graujo Enx de Vilas Boas. Alcante-Mor de Castelo de Vide", no dia 2-2-95



Durante a "Multi-Conversa" sobre o "Centenário do Nascimento do Almirante Américo Tomás" em 10-2-95

VIAGEM A CABO VERDE

Está programada a partida para a visita a Cabo Verde para o dia 25 do corrente. Encontram-se inscritos para mais esta realização SHIP, neste momento em que escrevemos, 30 pessoas predominando senhoras, sócios e familiares.

O programa que se irá cumprir, e que publicámos no Boletim de Fevereiro, além das imprescindíveis visitas a locais turísticos, que dizem ser paradisíacos, será quase todo de lazer, de praia e sol. Mas é disto que todos nós já precisamos nesta altura do ano. E os 8 dias que passarmos em Cabo Verde decerto nos refrescarão fisicamente, permitindo acabarmos o inverno sem os achaques do costume...



O Dr. Manuel Carvalho Faria abordou o Tópico 'A Regionalização do Ponto de Vista Sociológico', no dia 9-2-95



TROPICANATUR

*CLIENTE
PARA
SEMPRE*

Programas
Very Important People
VIETNAME
ÍNDIA

Programas Especiais
Brasil
Índia
Cabo Verde
E.U.A.

Londres
Edimburgo
Reservas Nacionais Internacionais
Hotéis em todo o Mundo

ACTIVIDADES DO NÚCLEO FEMININO

O programa de actividades do núcleo Feminino tem-se desenvolvido a olhos vistos, como sózinho dizer-se. E-nos grato noticiar que em 16 deste mês se realiza uma conferência no Salão Nobre, pelas 17 horas, subordinada ao tema "Breve Apontamento sobre Paixão Portuguesa dos séculos XVIII e XIX", proferida pelo nosso sócio Dr. Jorge Sampaio. Também, para 10 de Março, o Núcleo Feminino programou uma visita ao Museu Malhoa, nas Caldas da Rainha, seguindo-se, após almoço, para Peniche, a fim de visitarem a Escola de Rendas de Bilros, do Lar de Santa Maria; e por último, em 23 deste mês, pelas 18 horas, a Dra. Manuela Silveira Machado dará no Salão Nobre um recital de poesia, de Florbela Espanca, sob o título "36 Anos - 36 Sonetos", com fundo musical de Schumann, Liszt e Chopin.

Em 17 de Maio, está agendada uma visita ao Paço Ducal de Vila Viçosa, repetição da que a SHIP efectuou em 24 de Março de 1990.

Para o mês de Junho dia 7, está já prevista uma visita, com almoço, ao Asilo de Runa, onde está instalado o Lar dos Veteranos Militares, o seu Museu e parque.

Claro que todas estas actividades estão abertas também a sócios e não apenas às senhoras, como se poderia pensar. Os interessados nas visitas deverão inscrever-se, desde já, na Secretaria da SHIP.

PALESTRAS DO DR. FAUSTO DE MORAIS

Continuam a realizar-se às terças-feiras a partir das 14h30, subordinadas aos temas:

A "BOMBA HUMANA" E O FUTURO MUNDIAL
AS MARIAS DA FONTE E O PADRE CASIMIRO
ODORES-MEDICINA,
LITERATURA, etc.
DEAMBULANDO — IMAGENS E POESIA

As palestras são precedidas de breves momentos de Música Clássica.



5.º CENTENÁRIO DA MORTE DE D. JOÃO II

Neste ano de 1995 perfezem-se 500 anos sobre a morte de D. João II. Rei importantíssimo da História de Portugal, o grande impulsor da saga dos Descobrimentos e da Unidade Nacional, não tem sido, quanto a nós, devidamente apreciado pelos responsáveis deste País. Julgamos que não existe sequer em Portugal monumento que o celebre o que é, no mínimo, de estranhar. Mas isso é assunto para ser estudado e debatido a outros níveis, oportunamente.

A SHIP, para que se recorde a passagem deste V Centenário, e à semelhança do que se fez para as Comemorações Henriqueinas propõe-se realizar uma série de conferências, elaboradas por especialistas nas matérias, conferências que serão postas à disposição das Câmaras Municipais e das nossas Delegações que as solicitarem. Os temas a tratar são os seguintes:

- a) O Mundo concebido por D. João II
- b) O plano imperial Joanino
- c) A sucessão de D. João II
- d) D. João II, um rei centralizador

Como atrás se diz, estes são apenas os temas. Os títulos definitivos das conferências serão dados por cada um dos autores.

VISITA A PORTALEGRE

Em 22 e 23 de Outubro de 1987 a SHIP organizou uma visita a Portalegre com o fito de, além do habitual conhecimento da cidade, observarmos de perto o funcionamento da fábrica de Tapeçarias de Portalegre, uma das melhores do Mundo, e o Museu de José Régio.

Essa visita decorreu da melhor maneira e os nossos sócios regressaram orgulhosos com o que viram.

Mas isto já foi há 8 anos. Pensámos que talvez haja novos sócios interessados em rever a Fábrica de Tapeçarias de Portalegre e o Museu de José Régio, visto naquela altura ainda não pertencerem à SHIP. E talvez que alguns, dos que foram, estejam interessados em rever aqueles locais.

Aqui fica a ideia. E se houver um número de pessoas suficiente para preencher um autocarro, trataremos da visita rapidamente, a efectuar lá para Maio ou Junho. E aproveitar-se-á a deslocação para se ir a Castelo de Vide e Marvão.

Inscrivam-se desde já, sem compromisso, na Secretaria da SHIP.

RECITAL DE POESIA

No dia 23 de Março, (quinta-feira), às 18 horas, por iniciativa do Núcleo Feminino, a Dra. Manuela Silveira Machado dará um recital de poesia. Este recital, que se intitula "36 anos - 36 sonetos" é constituído apenas por obras de Florbela Espanca, tendo como fundo musical trechos de Schumann, Liszt e Chopin.

Daqui alertamos os nossos associados para este extraordinário acontecimento cultural, convidando-os a estarem presentes no nosso Salão Nobre neste dia e hora. E podem trazer os convidados que entenderem.



FLORBELA ESPANCA

CONCURSO**"Painéis Juvenis da História"**

Publicamos a seguir o regulamento do concurso promovido pela SHIP destinado a jovens dos distritos do continente e regiões autónomas. O concurso é mais uma contribuição, a nível juvenil, para as comemorações deste ano do VIII Centenário do nascimento de Santo António e do V Centenário da Morte de D. João II.

**REGULAMENTO DO CONCURSO
"PAINÉIS JUVENIS DA HISTÓRIA"**

1 - A Sociedade Histórica da Independência de Portugal promove um concurso de monografias individuais ou de grupo, subordinado aos temas "Santo António (VIII Centenário do Nascimento) e D. João II (V Centenário da Morte)", destinado aos jovens com idades compreendidas entre os catorze e os dezoito anos (inclusivé), dos diferentes Distritos e Regiões Autónomas, por intermédio das Delegações da SHIP.

Os concorrentes do Distrito de Lisboa, dependerão directamente da Sede da Sociedade, em Lisboa, bem como os dos Distritos de Setúbal, Santarém e Leiria, por não existirem ali, de momento, Delegados nossos.

2 - Os trabalhos deverão ter as dimensões de 1,00 m de altura x 0,70 m de largura, ilustrados com desenhos, pinturas, aplicações artísticas e/ou fotografias, e apresentados sob a forma de painéis ou cartazes historiados.

3 - A recepção dos trabalhos é feita até ao dia 30 de Abril, na Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Largo de São Domingos n.º 11, 1150 Lisboa, e sob pseudónimo, acompanhado de envelope fechado com a identificação do autor ou autores, nos moldes habituais.

4 - O júri do concurso será constituído por cinco elementos sócios da SHIP, e do qual farão parte professores, escritores e artistas plásticos, sob a presidência de um membro da Direcção.

5 - Serão atribuídos três prémios e as menções honrosas que o júri entender, ficando ao mesmo reservado o direito de não proceder a essas atribuições, caso a qualidade dos trabalhos não seja satisfatória.

5.1. - Os dez primeiros classificados acompanhados dos seus professores orientadores, deslocar-se-ão a visitar o local de nascimento de Santo António (Fernando Bulhões - Igreja de Santo António) e à região da Batalha em cujo Mosteiro se encontra o túmulo de D. João II.

5.2. - Serão entregues diplomas de participação a todos os concorrentes.

6 - A entrega dos prémios será feita no dia 24 de Maio, integrada nas comemorações de Dia da SHIP.

6.1. - Os trabalhos concorrentes farão parte de uma Exposição a inaugurar também naquele dia, nas Galerias do Palácio da Independência.

Palácio da Independência, 27 de Janeiro de 1995

**SOCIEDADE HISTÓRICA
DA INDEPENDÊNCIA DE
PORTUGAL**

**Concurso para jovens
dos 14 aos 18 anos**

SUBORDINADO AOS TEMAS:

S. António



PAINÉIS JUVENIS DA HISTÓRIA

D. João II

**TRABALHOS INDIVIDUAIS OU EM GRUPO
apresentados sob a forma de painéis ou jornais de parede
MONOGRAFIAS, DESENHOS, PINTURAS,
APLICAÇÕES E FOTOGRAFIAS**

ENTREGA DOS TRABALHOS ATÉ 30 DE ABRIL DE 1995

ACTIVIDADES DA SHIP EM MARÇO

– Concurso "Painéis Juvenis da História" A decorrer até 30 de Abril, data limite da entrega dos trabalhos

– Conversas de fim de tarde, nos dias 2, 9, 16, 23 e 30 (5.ª feira), às 17 horas

– Encerramento das comemorações do Infante D. Henrique, no Mosteiro da Batalha, em 4 de Março

– Programas de rádio na R. Renascença, em AM, FM, via Satélite para a Europa e Onda Curta para o resto do Mundo, aos sábados cerca das 22.00h e as 22.30h, sobre "As Explorações Científicas Portuguesas em África" e "singularidades da História do Século XIX", alternadamente (dias 4, 11, 18 e 25)

– Visita a Caldas da Rainha e Peniche (Museu Malhoa e Escola de Rendas de Bilros do Lar de Santa Maria) promovida pelo Núcleo Feminino, em 10 de Março

– Conferência intitulada "Breve apontamento sobre Faiança Portuguesa dos séc. XVIII e XIX", às 17 horas do dia 16, promovida pelo Núcleo Feminino, e proferida pelo Dr. Jorge Pereira Sampaio.

– Concerto instrumental de música de Câmara, por um dos Quartetos de Câmara de Orquestra Metropolitana de Lisboa, em 20 de Março

– Recital de poesia da Dra. Manuela Silveira Machado, no dia 23, promovido pelo Núcleo Feminino

– Viagem a Cabo Verde, em 25/3

– Concerto Coral do Coro de S. Domingos de Montemor-o-Novo, em 31/3, dirigido pelo Maestro João Luis Nabó;

PROGRAMA DE ACTIVIDADES DA SHIP PARA 1995

Iniciámos no n.º anterior deste Boletim a transcrição do programa de actividades da SHIP para este ano, aprovado na última Assembleia Geral. Concluímos agora a publicação do referido programa.

B - REALIZAÇÕES

1 – ACTIVIDADES REGULARES

a) Curso de Cultura Portuguesa: lançamento do 2.º Semestre do 2.º Ano e, em Outubro, do 3.º Ano (5.º e 6.º Semestre) e, eventualmente, cursos acelerados destinados a guias turísticos

b) Programas semanais de rádio, na RDP Internacional e na Rádio Renascença, relacionados com a história e cultura portuguesa e evocativos dos Descobrimentos Portugueses.

c) Dois ciclos de Conferências comemorativas, respectivamente do VIII Centenário do Nascimento de Santo António e do V Centenário da Morte de D. João II, a realizar em diversas Autarquias e especialmente destinadas à sua população escolar.

d) Concertos mensais, na última 6.ª feira de cada mês, com a actuação de grupos corais, por vezes, acompanhados de conjuntos instrumentais.

e) Palestras semanais, ao fim de tarde, na Sala de Convívio, feitas por sócios ou, eventualmente, convidados e seguidas de diálogo informal.

f) Actividades desportivas semanais de Esgrima e Tiro.

g) Reuniões, palestras e cursos de iniciativa do Núcleo Feminino.

h) Colaboração com Rádios locais para emissão dos programas já transmitidos, em anos anteriores, na RDP Internacional e na RR.

2 – CERIMÓNIAS COMEMORATIVAS

a) 12 de Janeiro – Homenagem a Gama Caeiro, em ligação com o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira.

b) 4 de Março – Encerramento do VI Centenário do Nascimento do Infante D. Henrique, cerimónia nacional a cargo da SHIP e que terá lugar no Mosteiro da Batalha.

c) 24 de Maio, Dia da SHIP, com entrega dos Prémios da SHIP e, eventualmente, um outro a lançar em 1995 destinado à Juventude escolar da cidade e zona envolvente.

d) 30 de Novembro a 1 de Dezembro – Dia da Independência, com as cerimónias tradicionais.

e) Em data a fixar, Evocação de D. João II, integrada no programa conjunto com as outras Academias Culturais.

f) Em data a fixar, Evocação de Santo António, a realizar nos moldes da anterior comemoração.

3 – OUTRAS ACTIVIDADES

a) Conferências, no Salão Nobre, sobre aspectos relevantes da história ou da vida nacional.

b) Exposição didáctica sobre D. João II, a realizar no espaço destinado ao Museu da Identidade Lusiada e especialmente orientada para a população escolar.

c) Exposição dedicada a Santo António, eventualmente a integrar nas celebrações conjuntas das Academias.

d) Exposições temporárias utilizando os dias livres na ocupação do Piso 0.

e) Grandes Viagens Culturais ao Estrangeiro.

f) Viagens Culturais em Portugal.

g) Visitas a locais históricos e culturais da cidade de Lisboa.

h) Concurso "Juventude e Defesa Nacional", colaborando com uma iniciativa do Ministério da Defesa Nacional.

i) Visita a Portugal de Jovens residentes na União Europeia, como prémio do passatempo integrado no nosso programa na RDP Internacional.

j) Concertos de Primavera, nos Jardins do Palácio em datas e moldes a estudar.

k) Concursos SHIP – Prémios "Aboim Sande Lemos – Identidade Portuguesa"; Imprensa Regional e Monografia.

4 – BIBLIOTECA, ARQUIVO E PUBLICAÇÕES

a) Montagem e abertura ao público da Biblioteca.

b) Organização do Arquivo da SHIP.

c) Instituição de 3 Bolsas de Investigação visando a recolha, em arquivos nacionais e estrangeiros, de informações sobre documentação escrita ou iconográfica respeitante à História de Portugal do Século XVII.

d) Diaporamas para o ensino de História de Portugal.

e) Edição mensal do Boletim Informativo.

f) Edição Semestral da Revista "Independência", a distribuir com os respectivos Boletins Informativos.

g) Edição do livro "O Mundo, a Europa e Portugal" de autoria do Comandante Virgílio de Carvalho.

h) Edição do livro "O Infante D. Henrique e a Sua Época", contendo as 5 conferências realizadas no ano de 1994 em Antarquias.

i) Edição do Livro António de Andrade e outros Jesuítas no Tibete.

j) Opúsculos e desdobráveis sobre valores essenciais da Identidade Portuguesa.

l) Anuário de 1993-95 e 1974-81.



Jun. 13 Celebração litúrgica na Praça do Comércio, em Lisboa, presidida por S. Eminéncia o Cardeal Patriarca de Lisboa

Jul. 16-22 Semana de estudos Antonianos em Fátima

Oul. 7-8 Peregrinação da Família Franciscana Portuguesa a Fátima

Nov. 19 Celebração do aniversário da restauração da Província Portuguesa da Ordem Franciscana na Igreja de Sto. António em Lisboa, com Profissões Solemnis

96 Jun. Missa Solene de encerramento das Comemorações

INICIATIVAS SOCIAIS

95/96 (data a anunciar) Abertura de um Hospital para seropositivos em Montariol (Braga)

95/96 Ampliação da "Obra da Imaculada Conceição e Sto. António" (Casas para Rapazes e para Raparigas, em Caneças)

95/96 Incremento da obra social "Pão de Sto. António" (distribuição de alimentos)

96 Abr. 14 Jornada da Juventude-Lisboa

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

EXPOSIÇÕES

95 Jun. 13 Exposição Antoniana no Museu Nacional de Arte Antiga (encerra em Dezembro de 95)

CONFERÊNCIAS

95/96 (ano académico) Conferências nas Universidades/Centros de estudos de Aveiro, Braga, Bragança, Beja, Coimbra, Évora, Faro, Guimarães, Lamego, Santarém, Setúbal, Vila Real, Viseu, Funchal e Ponta Delgada.

95/96 (ano académico) Conferências Inaugurais / Orações de Sapiência: Universidade Católica (Lisboa), Universidade de Lisboa e Universidade do Porto

MÚSICA

95 e 96 Série de espectáculos de música antiga, sendo o primeiro a 14/1/95 e o último a 13/6/96

PUBLICAÇÕES E EDIÇÕES

95 Abr. Edição do Selo Comemorativo

95 Jun. Edição de Medalha Comemorativa (IN-CM)

95 Set. 26 Catálogo dos Manuscritos de Sta. Cruz de Coimbra (Fundo Antigo)

95 Set. 26 Livro sobre Iluminuras de Sta. Cruz de Coimbra

95 Set. 29 Reedição da obra do Prof. Doutor Francisco da Gama Caeiro sobre Sto. António de Lisboa (IN-CM)

96 Jan. Roteiro do Culto Antoniano da Diocese de Lisboa

96 Abr. Roteiro do Culto Antoniano da Diocese do Porto

96 Jun. Roteiro Nacional do Culto Antoniano

VII CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE SANTO ANTÓNIO

Conforme dissemos no Boletim de Fevereiro último, em que divulgámos o programa das celebrações em Pádua, aqui deixamos o programa português, elaborado para as mesmas comemorações de Santo António, que nos foi fornecido pelo ICEP, - (Investimentos, Comércio e Turismo de Portugal) uma das entidades oficiais intervenientes nas celebrações:

MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS

95 Jan. 15 Missa Solene em Sta. Cruz de Coimbra (12h00)

Jan. 24 Missa Solene na Igreja de Sto. António de Lisboa, presidida por S. Eminéncia o Cardeal Patriarca de Lisboa

Jun. 11 Celebração litúrgica em Braga

		CONGRESSO		OUTRAS ACÇÕES	
96	Outras edições: 4 ou 5 estudos sobre Sto. António de Lisboa, opúsculo de Sto. António de Lisboa, "Vitae" de Sto. António (tradução da Ordem Franciscana) e álbum BD sobre a Vida de Sto. António	95 Set. 25/27	Porto: Congresso Internacional "Pensamento e Testemunho" (passagem a 28/9 por Coimbra)	95 Jan. 14-20	Visita internacional de operadores e imprensa de turismo religioso
95 Jun. 13	Exposição Etnográfica Sto. António Popular, no Museu de Arte Popular (encerra em Out. 95)	29/30	Lisboa: Congresso Internacional "Pensamento e Testemunho"	95 Jan 18	Seminário sobre Turismo religioso (na FIL, no âmbito da BTL)
95 Set. 26	Exposição Bibliográfica (Manuscritos de Sta. Cruz – Fundo Antigo) na Biblioteca Pública Municipal do Porto (encerra em Out. 95)			96	Produção de vídeo sobre Lisboa e Sto. António
96 (data a anunciar)	Exposição Bibliográfica Antoniana em Lisboa	95 Jun.	Edição de textos orientadores para concurso sobre Sto. António.	96	Produção de programas televisivos sobre a vida de Sto. António
96 (data a anunciar)	Exposição de Representação Contemporânea de Sto. António (diferentes expressões plásticas)	95/96	Concurso de textos, fotografia, desenho, pintura e teatro).	96 Jun. 13	Encerramento das comemorações
		96 Jun.	Sessão Final do concurso (atribuição de prémios)		

ANIMAÇÃO URBANA

LISBOA:

- 95 e 96, Jun. 12 Desfile de Marchas Populares na Avenida da Liberdade
- 95 e 96, Jun. (ilt. semana) Desfile das 5 melhores Marchas Populares no Pavilhão dos Desportos
- 95 e 96, Jun. Concurso de tronos de Sto. António e Exposição dos tronos seleccionados
- 95 e 96, Jun. Concurso de decorações de ruas e de montras
- 95 e 96, Jun. Arraiais em 50 freguesias e localidades
- 95 e 96, Jul. Concurso de quadras populares
- 96 Jun. Acções de animação com reconstituição de época

PORTO:

- 95 e 96, Jun. Festas conjuntas de S. João e de Sto. António. Destaque: concurso de montras, festas nas freguesias de maior culto antoniano e edição de brochura sobre altares a Sto. António (padroeiro dos tanoeiros portuenses) nos estabelecimentos comerciais da cidade

INICIATIVAS ESCOLARES

- 96
- 95 Jun. Edição de textos orientadores para concurso sobre Sto. António.
- 95/96 (ano lectivo) Concurso de textos, fotografia, desenho, pintura e teatro).
- 96 Jun. Sessão Final do concurso (atribuição de prémios)
- 96
- Produção de vídeo sobre Lisboa e Sto. António
- 96 Produção de programas televisivos sobre a vida de Sto. António
- 96 Jun. 13 Encerramento das comemorações



ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Convoco a Assembleia Geral para se reunir em sessão ordinária nos termos do Artigo 18.º do Estatuto e de acordo com o Artigo 20.º - 1 - b) e para efeitos do n.º 3 do Artigo 16.º, na Sede da Sociedade, no Palácio da Independência, Largo de São Domingos, 11, em Lisboa, no dia 29 de Abril de 1995 pelas dezasseis horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 - Apreciação e discussão do Relatório e Contas referentes ao ano de 1994 e Parecer do Conselho Fiscal.

Não havendo "quorum" à hora fixada, fica desde já convocada a Assembleia Geral para se reunir no mesmo dia e local, com a mesma Ordem de Trabalhos, em 2.ª convocação, pelas dezoito horas.

Lisboa e Sede da S.H.I.P., 14 de Março de 1995

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL.

TOMÁS JOSÉ BASTO MACHADO
GENERAL

AINDA O 1.º DE DEZEMBRO DE 1994

Dissemos no n.º anterior do Boletim que, por razões de falta de espaço, não podíamos transcrever os discursos pronunciados no Salão Nobre pelo Presidente da Direcção da SHIP General Themudo Barata e por S. Exa. o Sr. Presidente da República, quando da habitual cerimónia da assinatura do Livro de Honra. E, tal como prometemos, agora os reproduzimos, para que os nossos sócios ausentes, possam tomar conhecimento das afirmações então feitas.

Discurso do General Themudo Barata:

Senhor Presidente da República

Senhor Presidente do Supremo Tribunal de Justiça

Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional

Senhor Almirante Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas

Senhor Marechal Spínola

Senhor Chefe do Estado Maior da Força Aérea e Representantes - Chefe de Estado Maior do Exército e da Marinha.

Senhora Governadora Civil de Lisboa

Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

Senhores Oficiais Generais

Exmas Autoridades

Minhas Senhoras e Meus Senhores

E daí que esta cerimónia só atinja o seu pleno significado, e toda a grandeza que ela encerra, quando tem a presidi-la S. Exa. o Presidente da República, pois só assim ela assume verdadeiramente o simbolismo pleno que ela quer significar, e não apenas viramo-nos sobre o passado, para agradecer a esses nossos antepassados, o que fizeram para que Portugal fosse livre, como ainda o nosso propósito profundo e solene de que hoje queremos ser dignos desse mesmo passado, e construtores dum futuro próspero e independente para Portugal.

Daí, por isso, que eu agradeço a V. Exa. Senhor Presidente, a honra que nos tem dado. E a iniciativa de, há sete anos, retomar uma tradição que vinha de 1911, deixando no nosso Livro de Honra a assinatura do Chefe de Estado, neste acto acompanhado pelos Altos Poderes do Estado, vindo todos numa cerimónia simples, como que ratificar o seu juramento de fidelidade à Pátria.

Mas, afinal, porquê aqui? E porquê neste dia, depois de comemorarmos o passado, virmos a este Palácio, onde foi a Sede da Conjura de 1640? o Palácio veio a ser adquirido pelo Estado para se transformar no Monumento Nacional à Independência. Ele passou, assim de alguma forma, a ter um sentido paralelo ao Castelo de Guimarães, que lembra a nossa Fundação, ou os Jerónimos, que recordam a nossa Epopeia dos Descobrimentos. Ele é, Monumento Nacional, mesmo no centro de Lisboa, para ser o local do culto sereno e pacífico dos Portugueses à sua liberdade e à sua independência.

Por isso, o Sr. Presidente e Exmas Autoridades, com o simbolismo e a simplicidade de todos os actos verdadeiramente grandes a cerimónia reduz-se a virmos aqui e, com a seriedade dos grandes momentos, deixarmos o nosso nome escrito como prelito actual a essa celebração.

Acontece que este ano, por iniciativa dos CTT - Correios de Portugal, vai ser lançado um selo evocativo dos 350 Anos da Batalha do Montijo, que por ser a primeira grande Batalha, foi um passo decisivo para a estabilidade desse golpe lançado no primeiro de Dezembro, golpe que tendo recebido logo todo o apoio popular, mesmo assim precisava da sua confirmação e da aceitação de todos os Estados que nessa altura conviviam connosco. Essa grande Batalha que ocorreu no dia 26 de Maio de 1644 também está de alguma forma ligada

aqui, a este Palácio porque nela tomou parte um filho de D. António Vaz de Almada, que foi prisioneiro. E, pouco depois, quem sabe se talvez por isso, o dono desta casa - um dos heróis desse tempo - aqui faleceu também, há 350 anos.

Por isso, este Palácio, sendo hoje o símbolo da nossa Independência, será sempre o local próprio para, neste dia de reflexão dos portugueses, nos reunirmos para desta forma simples, celebrarmos a nossa Independência.

Eu resumiria todos os nossos propósitos, pedindo ao Senhor Presidente, que como aliás, se dignou fazer já noutras ocasiões, a pôr a sua assinatura no nosso Livro de Honra, como sinal da sua presença e como um testemunho para nós do que se impõe cultivar hoje o valor da Independência de Portugal.

Discurso de S. Exa. o Presidente da República:

Senhor Presidente do Supremo Tribunal de Justiça

Senhor Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas

Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional

Senhor Marechal António Spínola

Senhor Chefe de Estado Maior da Força Aérea

Senhor Vice-Chefe do Estado Maior do Exército e Vice-Chefe do Estado Maior da Armada

Senhora Governadora Civil

Senhor Vereador da Câmara Municipal de Lisboa

Senhor Comandante Geral da Guarda Republicana e Segundo Comandante do Governo Militar de Lisboa

Senhor Director Geral do Património Exmas Autoridades

Senhor Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa

Senhor Brigadeiro Vice-Presidente da Liga dos Combatentes

Senhor Vice-Presidente da Cruz Vermelha Portuguesa

Senhor Presidente da Associação dos Deficientes das Forças Armadas

As cerimónias festivas, que comemoram este dia, começam junto ao Monumento dos Restauradores, num preito de homenagem e de profunda gratidão àqueles que, há 354 anos, tomaram a iniciativa de restituir a Portugal a sua liberdade e Independência, e continuam aqui com o acto mais solene e mais simbólico deste dia. Acto que vem de 1911, quando foram instituídos os feriados nacionais e quando, por iniciativa desta Sociedade, entre os poucos feriados que foram designados pelo Governo Provisório da República, um desses cinco foi o dia consagrado à Autonomia da Pátria Portuguesa.

V. Exa. Sr. Presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Quero agradecer-lhe Sr. Presidente da Sociedade Histórica este convite que mais uma vez me formulou para vir aqui praticar este gesto simbólico, mas que nos é a todos tão caro: é, digamos um acto de comunhão nos destinos da Pátria e na nossa Identidade Nacional.

Este ano estava previsto, como V. Exa. sabe, que este acto tivesse aqui a presidência conjuntamente comigo o Presidente da República do Brasil. Estivemos efectivamente para realizar uma cimeira que como todos sabem, não houve ocasião de efectuar. Mas no protocolo que já estava mais ou menos definido, este dia justamente seria um dia em que simbolicamente os dois Presidentes das Repúblicas das duas pátrias irmãs, Brasil e Portugal, estariam aqui, neste dia e nesta casa. Havia fundamento para isso porque ela como sabem, foi adquirida em 1940 por ser neste Palácio, — Palácio dos Almadas — em que justamente se fez e urdiu toda a conspiração que daria a Restauração da nossa Independência. — E por isso nessa altura, considerou-se que era importante que esta casa fosse uma Casa Património, um Centro Histórico e esta Sociedade Histórica foi criada para esse efeito. Os fundos para a compra foram conseguidos, justamente através de uma subscrição pública feita por e entre os portugueses do Brasil. Foram, portanto, os portugueses do Brasil que contribuíram patrioticamente para a aquisição deste Palácio, que depois teve destinos vários, mas que a segunda República Portuguesa restituíu à sua dignidade inicial e ao seu objectivo primordial.

Também queria acentuar que estas cerimónias começaram, justamente em 1911, como aliás o Senhor General acabou de referir. E em 1911, porque, como sabem aqueles que se interessam pela nossa história do século XIX, a República esteve ligada à ideia da pátria, e foi justamente através de movimentos republicanos, que esse movimento começou com o Centenário de Camões. Foram os Republicanos que incentivaram o Centenário de Camões em 1880, e



Sua Exceléncia e Sr. Presidente da República durante a sua alocução

depois em 1890, quando foi da crise do último e se intensificou esse pendor patriótico e nacional, por isso, quando a República foi proclamada em 1910, logo em Dezembro de 1911 o primeiro Presidente da República eleito, Manuel de Arriaga, veio aqui e é ele que abre este livro por essa razão. Eu entendi retomar esta tradição, como aliás em conversa com o Senhor General. Como disse vinti aqui várias vezes. E hoje uma vez mais cá estou para honrar essa tradição.

Poderá pensar-se talvez que a celebração desta data tem algo de agressivo ou algo que possa ser considerado como contrário ao nosso vizinho e país irmão que é a Espanha. Já aqui disse uma vez que não é assim: o facto de nós celebrarmos as nossas grandes datas históricas e vincarmos a nossa Independência, não é feito contra ninguém e muito menos contra a Espanha, de quem somos hoje aliados na NATO, parceiros na Comunidade Europeia e com a qual temos, de facto, relações muito fraternas e muito boas de grande compreensão mútua, como várias vezes foi assinalado quer por Sua Majestade o Rei de Espanha em Portugal, quer por mim próprio em Espanha. Estando, como estamos, integrados e inseridos na União Europeia, e ainda porque a União Europeia deve ter funções e pretensões políticas, e não só económicas — políticas, culturais e

institucionais — nós, temos que vincar aquilo que é intrinsecamente português e nosso, isto é, reforçar a nossa Identidade Nacional. Portugal é um país com uma grande Identidade Nacional; com fronteiras que são as mais velhas que existem na Europa e que assim permanecem ao longo dos séculos; com uma língua que é falada hoje por 200 milhões de seres humanos; com uma cultura que não se perde e não tem dificuldades de ombrear com as mais desenvolvidas culturas do mundo. Portanto, Portugal deve reforçar a sua identidade e não ter medo de a perder, nem complexo, em relação a outros países. Por isso, são importantes estes pequenos gestos: são gestos simbólicos, para que os jovens, como este que aqui está presente, e outros que nos vão ver e ouvir, se habituem a olhar para a nossa pátria com aquele respeito, com aquela devoção cívica e com aquele interesse pelas coisas públicas, idealista e desinteressado, de tipo pessoal que é importante que todos tenham.

Demos legumes esse exemplo às gerações vindouras, porque não basta que os homens políticos sejam competentes, é preciso que sejam virtuosos.

VIAGEM AO BRASIL – I

Não será tão depressa que se apagarão de memória os extraordinários dias que passámos no Brasil. Acreditamos que os nossos companheiros de viagem também os relembram vivamente, pelas trocas constantes de fotografias, de vídeos e de recordações verbais a que temos assistido na sala de convívio da SHIP.

Por outro lado, a "nossa" médica, a Dra. Francisca Fernandes, dominada pelas emoções recebidas em toda a viagem, escreveu uma espécie de Diário que intitulou "Novíssimas Crónicas Brasileiras", em que evidencia os seus dotes de escritora, transmitindo aos textos toda a sua extraordinária sensibilidade, não apenas na prosa mas também nos poemas que, em algumas passagens, entendeu escrever, talvez porque os versos traduzissem melhor as suas emoções. A SHIP conta poder distribuir, a cada participante na Viagem ao Brasil, um exemplar deste magnífico depoimento que é, ao mesmo tempo, uma excelente, embora curta, obra literária.

Reproduzimos a seguir os textos das 2 breves alocuções que o Director da SHIP Alberto Reis pronunciou no Brasil: o 1.º na sessão solene do 1.º de Dezembro, na Academia Lusiada de Ciências, Letras e Artes, de S. Paulo e a 2.ª, no Rio de Janeiro, na receção oferecida pelo Real Gabinete Português de Leitura. E, por fim, também reproduzimos a notícia de 1.ª página publicada no jornal "O Mundo Português", de 15 de Dezembro de 1994, sobre esta receção.

Exmo. Senhor Presidente da Academia Lusiada de Ciências, Letras e Artes, Dr. Rodrigo Leal Rodrigues

Exmo. Senhor Presidente em exercício da Casa de Portugal

Exmos. Senhores Comendador Manuel Correia Botelho e Dr. Frederico Perry Vidal

Ciares Consórcios da SHIP

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Se não fosse a circunstância de o nosso Vice-Presidente, Dr. Valle de Figueiredo ter faltado a este acontecimento, eu não estaria aqui, nesta tribuna, usufruindo o privilégio de falar a tão ilustre assistência. E, se não fosse a circunstância de também o Sr. Presidente do Brasil ter faltado neste dia em Lisboa, eu não posso anunciar, como estava previsto, que S.Esta. estaria na nossa Sede, talvez a esta mesma hora, acompanhando o Sr. Presi-

dente da República Dr. Mário Soares, como constava do nosso programa de Comemorações do 1.º de Dezembro.

É, portanto, com a maior emoção que aqui me encontro, frente a V. Exas., para apenas lhes deixar 2 breves apontamentos, na qualidade de Director da Sociedade Histórica da Independência de Portugal. E o 1.º consiste em recordar que a nossa Sede em Lisboa, o Palácio da Independência, situado em pleno Centro da Cidade, foi comprado aos primitivos donos, a família dos Condes de Almada, pela Colônia Portuguesa do Brasil e doado ao Estado Português para ali se instalar, em definitivo, a Sociedade Histórica. E isso foi, para nós, mais uma prova do acriulado amor dos Portugueses no Brasil à sua Pátria e à sua Independência. O fato está devidamente assinalado, no pátio de entrada do Palácio, para que todos os que nele entraram saibam que, mais uma vez, os portugueses do Brasil vieram em nosso auxílio, recuperando aquele Monumento histórico de onde saiu a Revolução do 1.º de Dezembro de 1640. Nunca será demais recordar e agradecer este gesto magnânimo, que coroou as nossas comemorações do ano de 1640.

O segundo apontamento serve para lhes apresentar o nosso sócio e companheiro de viagem, General Altino de Magalhães. Ele é um dos 40 membros (quarenta conjurados de 1640) do nosso Conselho Supremo. Mas para além da sua brilhante carreira militar, desempenhou diversos cargos de confiança do Estado: foi Vice-Chefe do Estado Maior do Exército e Vice-Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, Presidente da Junta Regional dos Açores, pouco depois da revolução de 25 de Abril e, Adido Militar na Embaixada de Portugal no Brasil há muitos anos atrás. Portanto, é um membro qualificado da Sociedade Histórica que vos irá falar a seguir. Presentemente, em Portugal, é o Presidente da Liga dos Combatentes, cargo que tem desempenhado com o maior brilho.

Quase todos os presentes, sócios da SHIP, estão habilitados a falar-vos do 1.º de Dezembro. Muitos são licenciados em História, outros são militares de alta patente, do exército e da marinha, outros ainda médicos, engenheiros, biólogos, grande parte professores aposentados. Mas, deserto, todos aprovam que vos fale o General Altino de Magalhães.

Muito é muito obrigado pela honra que me deram em vos deixar estes brevíssimos apontamentos.

Exmo. Sr. Presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, e do Real Gabinete de Leitura Dr. António Gomes da Costa

Exmo. Sr. António Joaquim Marques, Presidente da Casa de Portugal no Rio de Janeiro

Outros ilustres Representantes de organizações portuguesas nesta cidade e de que não tive tempo de lhes saber o nome

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Poucas palavras irei dizer. Chegados há escassas horas de Belo Horizonte, tendo-nos levantado às 3h15m da madrugada de modo a chegarmos ao Rio às 9h50m da manhã, é demasiado esforço estarmos aqui com aspecto fresco e prazenteiro. Por isso, Sr. Presidente, pedimos-lhe imensa desculpa deste ar "amarrotado", que exibimos por dentro e por fora, consequência dos quase 20 dias de viagem que já trazemos. E muitos de nós não resistiram indo para a cama descansar, para à noite assistirem a um show de samba para turista ver, e que já vem encorajado desde Lisboa. Daí faltarem tantos a esta cerimónia, a esta visita.

Nós, porém, nunca deixariam de comparecer a um encontro desta natureza. Vieram ao Rio de Janeiro com o intuito principal de cumprimentarmos os portugueses que há tantos anos aqui labutam e tenazmente defendem o seu portuguesismo, ajudando-se uns aos outros através das mais variadas instituições culturais e de solidariedade. A Sociedade Histórica muito e muito deve a estes portugueses do Brasil. Num folheto que aí está à vossa disposição enumeram-se algumas das principais contribuições destes portugueses para ajuda a Portugal, através de diversas subscrições públicas. Relembro a aquisição da Sede da SHIP, o Palácio da Independência, de onde saiu a revolução de 1640, por subscrição pública efectuada em 1640 pelos portugueses do Brasil, ao tempo liderados, se não estou em erro, pelo Sr. Comendador Dr. Albino de Sousa Cruz.

E hoje, como desde há muito, a Casa de Portugal continua representando a SHIP no Rio de Janeiro, não se esquecendo nunca de celebrar a data do 1.º de Dezembro de 1640, tão grata para a SHIP e para os portugueses por voltarmos a ser independentes.

A SHIP está grata a todos, os dirigentes anteriores e actuais. Por isso trouxemos

de Lisboa algumas lembranças para entregar. Pouco ou nada valiosas, é certo. Mas trouxeram-las com o coração e com o coração aqui as deixamos. Vamos entregá-las às pessoas e instituições que, de repente, nos pareceram mais importantes, pelas tarefas que desempenham. Muitos outros, certamente, ficaram esquecidos. Que nos relevem a falta e nos perdoem. Mas o pouco que trouxemos e transportámos por todo o Brasil desde há quase 20 dias, pesava tanto, tanto, que só o desejo de estar convosco e de vos homenagear singelamente, tornou o fardo leve.

Muito e muito obrigado a todos e, muito especialmente aos Drs. António Gomes da Costa e António Joaquim Marques pela preciosa ajuda que têm dado à SHIP. E que Deus nos acompanhe a todos nesta tremenda tarefa de defendermos Portugal dos actuais ventos europeus, que, em nome de não se sabe o quê, ameaçam a nossa Identidade, como portugueses, talvez até algumas parcelas da nossa Independência.

Repto: muito e muito obrigado a todos

«Real Gabinete Português de Leitura: Novos projetos

No último dia 8, a Diretoria do Real Gabinete fez uma apresentação aos sócios e amigos da instituição sobre as realizações e projetos deste ano.

Ao abrir os trabalhos no "Salão dos Brasões", tendo a seu lado o Com. Artur dos Santos Pereira e o Dr. Edison Chini, respectivamente, Presidente da Caixa de Socorros D. Pedro V e do Liceu Literário Português, bem como o General Altino Magalhães e o Dr. Alberto Reis, da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, que, à frente de uma delegação de 60 participantes daquela Sociedade, visitavam o Real Gabinete, o Presidente António Gomes da Costa afirmou que 1994 foi um "ano de ouro" para a instituição. "Graças ao apoio dos Sócios e amigos, de entidades públicas e privadas, bem como de algumas empresas, conseguimos cumprir um extenso programa de trabalho: o término das obras do "Centro Cultural" e a instalação de estantes; o término dos trabalhos básicos da informatização da biblioteca e dos serviços administrativos; novas cadeiras no "Salão dos Brasões"; a compra de uma rica "queirosiiana"; a edição da revista "Convergência Lusiada"; a licitação de peças artísticas de prata e marfim; o pedestal da estátua de Camões, o equipamento de som e iluminação, a modernização da clarabóia central do prédio que há muitos anos apresentava graves problemas de infiltração. Tudo isso graças ao grande investimento — e por isso agradecemos aos que colaboraram, e, de forma especial, à Caixa de Socorros D. Pedro V e ao Liceu Literário Português."

Vale acrescentar, salientou o Presidente, que fora desses projetos especiais, as atividades da biblioteca e do Centro de Estudos foram intensos, sendo que este Departamento poucas vezes apresentou resultados tão lisonjeiros.

Para o próximo ano — finalizou Gomes da Costa — continuaremos nosso trabalho e preparar o Real Gabinete para o "Ano 2000".

A seguir o representante da Sociedade Histórica fez entrega de presentes e procedeu-se à inauguração da exposição de "Cartografia e Viagens" na biblioteca e, a seguir, à inauguração do busto de Camões pelo Dr. Edison Chini, na Praça Alexandre Herculano, oferecido pelo Liceu.

Todos os presentes também tiveram oportunidade de admirar a coleção de obras raras de Eça de Queirós, e as peças artísticas adquiridas.

A reunião terminou com um "Porto de Honra", servido no "Centro Cultural" em homenagem à delegação da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, presidida pelo General Thérèse Barata, e que foi oferecido pelo Buffet Tavares».

O MUNDO PORTUGUÊS

Foto de João Cunha - Acervo da SHIP, sobre 1994 N.º 201
■ Diretor - Presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Dr. António Gomes da Costa
■ Vice-Diretor - Delegado da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Dr. Edison Chini
■ Membro - Subsecretário da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Dr. Alberto Reis

Real Gabinete Português de Leitura: Novos projetos

No último dia 8, a Diretoria do Real Gabinete fez uma apresentação aos sócios e amigos da instituição sobre as realizações e projetos deste ano.

Ao abrir os trabalhos no "Salão dos Brasões", tendo a seu lado o Com. Artur dos Santos Pereira e o Dr. Edison Chini, respectivamente, Presidente da Caixa de Socorros D. Pedro V e do Liceu Literário Português, bem como o General Altino Magalhães e o Dr. Alberto Reis, da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, que, à frente de uma delegação de 60 participantes daquela Sociedade, visitavam o Real Gabinete, o Presidente António Gomes da Costa afirmou que 1994 foi um "ano de ouro" para a instituição. "Graças ao apoio dos Sócios e amigos, de entidades públicas e privadas, bem como de algumas empresas, conseguimos cumprir um extenso programa de trabalho: o término das obras do "Centro Cultural" e a instalação de estantes; o término dos trabalhos básicos da informatização da biblioteca e dos serviços administrativos; novas cadeiras no "Salão dos Brasões"; a compra de uma rica "queirosiiana"; a edição da revista "Convergência Lusiada"; a licitação de peças artísticas de prata e marfim; o pedestal da estátua de Camões, o equipamento de som e iluminação, a modernização da clarabóia central do prédio que há muitos anos apresentava graves problemas de infiltração. Tudo isso graças ao grande investimento — e por isso agradecemos aos que colaboraram, e, de forma especial, à Caixa de Socorros D. Pedro V e ao Liceu Literário Português."

Vale acrescentar, salientou o Presidente, que fora desses projetos especiais, as atividades da biblioteca e do Centro de Estudos foram intensos, sendo que este Departamento poucas vezes apresentou resultados tão lisonjeiros.

Para o próximo ano — finalizou Gomes da Costa — continuaremos nosso trabalho e preparar o Real Gabinete para o "Ano 2000".



Na foto de baixo, o Dr. Edison Chini, Alberto Reis, da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Dr. António Gomes da Costa, General Altino Magalhães e o Comendador António dos Santos Pereira



No dia 8, foi inaugurado no Real Gabinete Português de Leitura, com a instalação de estantes e colocação de busto, num triplo de fino gosto e honraável função. É uma obra que honra os portugueses

A seguir o representante da Sociedade Histórica fez entrega de presentes e procedeu-se à inauguração da exposição de "Cartografia e Viagens" na biblioteca e, a seguir, à inauguração do busto de Camões pelo Dr. Edison Chini, na Praça Alexandre Herculano, oferecido pelo Liceu.

Todos os presentes também tiveram oportunidade de admirar a coleção de obras raras de Eça de Queirós, e as peças artísticas adquiridas.

A noite de terça-feira, 8 de outubro, no "Centro Cultural", servido no "Centro Cultural" em homenagem à delegação da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, presidida pelo General Thérèse Barata, e que foi oferecido pelo Buffet Tavares».

VIAGEM AO BRASIL - II

Continuarmos aqui os comentários que nos suscitaram as visitas que fizemos às instituições portuguesas no Brasil. Desta vez vamos referir o Real Gabinete Português da Leitura, no Rio de Janeiro.

É uma notabilíssima obra, esta, do Real Gabinete. A grandiosidade das instalações, a sua qualidade, o mobiliário, a decoração, tudo deslumbra o visitante. E os brasileiros, nomeadamente estudantes, enxameiam as salas, debruçam-se sobre os volumes, consultam livros e documentos, recorrendo a uma das principais e talvez a mais importante Biblioteca do Rio de Janeiro.

Sabe-se que D. João VI, quando do seu exílio, levou a Biblioteca Nacional Portuguesa para o Brasil. E as obras já estão e os documentos igualmente. Entregues à corrosão do tempo e à voracidade dos insectos, concerteza. A conservação de livros tão antigos, num clima como o do Brasil, não é fácil e, muito menos, barata, mesmo que existam cuidados especiais.

A nossa pergunta é esta: Tem o Estado Português, através dos seus serviços de Cultura, estudado este vastíssimo espólio que D. João VI levou para o Brasil? E têm-se microfilmado todas as obras e documentos lá existentes, de modo a enriquecer o património da nossa Biblioteca Nacional ou da Torre do Tombo? E, porventura, já alguém, do Governo, pensou em ajudar esta grandiosa Obra de portugueses, inclusive comparticipando em trabalhos de conservação e expurgo dos volumes existentes?

As perguntas aqui ficam. Julgamos que, com a ligeireza e indiferença com que tratamos em Portugal destes assuntos, nomeadamente os que estão mais longe da vista, nada se tem feito. Mas se não for assim, se considerámos erradamente não se ter ligado nenhuma a este valiosíssimo espólio, que nos digam, de modo a podermos louvar, em vez de criticar umargamente.

NOVOS SÓCIOS

- 4233 - António Manuel Passeira de Sousa
- 4234 - Filipe Eduardo Ferreira e Passeira de Sousa
- 4235 - Eng.^o Norberto Joaquim Pereira Duarte

- 4236 - Prof.^o Dr.^o Maria da Piedade Pizarro de Sande e Lemos Azucé
- 4237 - Ten. Cor. José Artur Paula Quesada Pastor
- 4238 - Capitão Miguel António Gabriel da Silva Machado
- 4239 - Prof.^o Paula Cristina Martins Ferreira Santos
- 4240 - Dr.^o Maria Eduarda Costa Leite Ventura
- 4241 - Jorge Reis Rodrigues
- 4242 - Eng.^o João Alberto Pereira Tomás
- 4243 - Henrique Eugénio Bartolomeu Guimarães
- 4244 - Dr. José Manuel Braamcamp de Figueiredo Krohn da Silva
- 4245 - Domingos Francisco Ribeiro Silveira
- 4246 - Eng.^o António José Carrasquinho de Freitas
- 4247 - João Miguel da Silva Santos da Costa Pinto Marchante

AGRADECIMENTO DE LIVROS

Se a memória nos não falha, não passou até hoje um único n.º do Boletim em que deixássemos de registar – e agradecer – livros que nos oferecem para enriquecimento da nossa Biblioteca. Também este mês assim acontece, de modo a que a regra se mantenha. Aqui ficam, portanto, registadas as obras recebidas na SHIP até fins de Janeiro p.p.

Os sinceros agradecimentos da SHIP:

Exma. Sra. D. Maria Isabel J. S. Gomes Mota:

- Obras: Portugal e a Índia
- Autor: José Pequito Rebello
- Obra: Pedro I na Independência
- Autor: Theophilo de Andrade
- Obra: La Guerre Moderne
- Autor: Roger Trinquier
- Obra: Invasão e ocupação de Goa pela União Indiana
- Autor: Oliveira Salazar
- Obra: O Meu Testemunho
- Autor: José Pequito Rebello
- Obra: Grito de Angola
- Autor: Gonçalves Cotta
- Obra: O Comandante Abel Fontoura da Costa, Historiador da

- Marinharia dos Descobrimentos
- Autor: A. Teixeira da Mota
- Obra: "Os Lusíadas" e o Pacto do Atlântico
- Autor: Gago de Medeiros
- Obra: O Futuro dos Portos
- Autor: Fernando Vasco da Costa
- Obra: Marrocos Pitoresco
- Autor: Mexia Salema
- Obra: O Capitão - Mor Pedro Teixeira - Precursor da Transatlântica
- Autor: Leandro Tocantis
- Obra: Uma Comissão de Serviço de Fontoura da Costa no Ministério do Reino
- Autor: Braga Paixão
- Obra: Fontoura da Costa
- Autor: Ramos Pereira
- Obra: Luís de Camões - honesto estudo misturado à longa experiência e engenho
- Autor: Hemâni Cidade
- Obra: Uma Vitória do Espírito no Céu Virgem
- Autor: Rodrigues Santos
- Obra: O Infante
- Autor: Laura Costa
- Obra: Américas - Um Corolário de Sagres
- Autor: Dr. A. J. da Silva D'Azevedo
- Obra: Conferências Proferidas em 1958/59
- Obra: Génese e alguns aspectos de "Os Lusíadas"
- (Discurso Académico)
- Autor: J. Abilio da Costa
- Obra: Paulo Dias de Novais e a sua Época
- Autor: Carlos Alberto Garcia
- Obra: Problemas Humanos de África
- Autor: Orlando Ribeiro
- Obra: A África Independente e a O.N.U.
- Autor: Tenente Coronel Hélio Augusto Felgas
- Obra: Problemas Actuais da África Negra
- Autor: J. M. Silva Carvalho
- Obra: Cascudo - Mestre do Folclore Brasileiro
- Autor: Djalma Maranhão
- Obra: Portugal - Faits Et Documents

- Obra: Cielo de Conferências sobre temas Ultramarinos
- Obra: Portuguese Essays
- Autor: Américo da Costa Ramalho
- Obra: O Além - Mar Português na Estrutura da Nação
- Autor: J. G.
- Obra: Unidade Ameaçada
- Autor: Fernando Pacheco Amorim
- Obra: Lutar na Paz
- Autor: António A. Correia
- Obra: Ao Capitão Manuel Simões Vaz
- Obra: A Armacada de Banastarim
- Autor: Manuel António Ferreira
- Obra: Portugal Replies in The United Nations
- Obra: Portugal Vis-À-Vis The United Nations
- Autor: Júlio Evangelista
- Obra: Imperialismo e Colonialismo da União Indiana
- Autor: Adriano Moreira
- Obra: Aspectos Políticos da Nova África
- Autor: J. M. Silva Cunha
- Obra: O poder das ideias
- Autor: Carlos Lacerda
- Obra: Da navegação Portuguesa no Índico no Século XVII
- Autor: Alberto Iria
- Obra: Providências Legislativas Ministeriais
- Obra: 1971 - Mensagem de Ano Novo do Chefe do Estado
- Obra: Academia Internacional da Cultura Portuguesa - Boletim n.º 2 / 1966
- Obra: Gago Coutinho e Sacadura Cabral no Cinquentenário da 1.ª Travessia Aérea do Atlântico (1922 - 1972)
- Autor: José de Oliveira Belo
- Obra: Ultramar - Revista n.º 15 de 1964
- Obra: Nehru Seizes Goa
- Autor: Leo Lawrence
- Obra: Goa And The Indian Union
- Autor: Oliveira Salazar
- Obra: The case of Goa and the General Assembly of the United Nations
- Autor: Vasco Garin
- Obra: Goa and the Indian Union - The Portuguese View

- Autor: Oliveira Salazar
- Obra: Europe, en Mutation - Junho 1963
- Obra: Angola - Curso de Extensão Universitária ministrado na Univ. Técnica Lisboa no Ano de 1963/64
- Obra: Documents on Berlin - 1943 - 1963 - Seleção e edição: Wolfgang Heidelmeyer e Guenter Hindrichs
- Obra: Documentos sobre os Portugueses em Moçambique e na África Central (1497-1840)
- Obra: A outra Verdade
- Autor: Rogério de Lima
- Obra: António de Saldanha - His Times and His Achievements
- Autor: Alexandre Lobato
- Obra: Angola Herdica
- Autor: Ariur Maciel
- Obra: Verdadeira Informação das Terras do Preses João

- Obra: Esta Lisboa Alfacinha
- Autor: André Varga
- Obra: Maldita Sensualidade
- Autor: Anita Mósca
- Obra: Encruzilhada de Águas
- Autor: Anita Mósca

Ofertas do Instituto Cultural de Macau:

- Obra: Cem provérbios Chineses
- Obra: Na Rota da Índia
- Autor: Artur Teodoro de Matos
- Obra: Macau - Factos e Lendas
- Autor: Laís Gonzaga Gomes
- Obra: Ou - Mun: Coisas e Tipos de Macau
- Autor: Nuno Barreira

AS ACTIVIDADES DA S.H.I.P. TÊM O APOIO DOS SEUS SÓCIOS EXTRAORDINÁRIOS

- ANA - AEROPORTOS E NAVEGAÇÃO AÉREA, EP.
- BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
- BANCO TOTTA & AÇORES
- BERGANA, GOMES & ALONSO, LDA
- CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
- COLEÇÕES PHILAE, S.A.
- COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI, S.A.
- COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, S.A.
- CPP - COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS — GRUPO TOTTA
- CTT - CORREIOS DE PORTUGAL, S.A.
- EID - EMPRESA DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA ELECTRÓNICA, S.A.
- EPAC - EMPRESA PARA AGROALIMENTAÇÃO E CEREJAIS, S.A.
- FOC ESCOLAR - MOBILIÁRIO E EQUIPAMENTO PARA ESCOLAS, S.A.
- FLAD - FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO
- FUNDAÇÃO MACAU
- FUNDAÇÃO ORIENTE
- IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA, EP.
- INETI - INSTITUTO NACIONAL DE ENGENHARIA E TECNOLOGIA INDUSTRIAL
- OGMA - INDÚSTRIA AERONAUTICA DE PORTUGAL
- SACOR MARÍTIMA, S.A.
- V. A. GRUPO-VISTA ALEGRE PARTICIPAÇÕES S.A.

Exmo. Sr. Dr. Carlos Vieira da Rocha:
 - Obra: Boletim Americanista n.º 42 - 43 de 1992/93

- Obra: A rivalidade Luso-Espanhola no Extremo Oriente e a Querela missionológica no Japão
- Autor: João Paulo Oliveira e Costa
- Obra: A Missão de João de Brito
- Autor: João Paulo Oliveira e Costa

Exma. Sra. Dra. Teresa Costa Macedo
 - "Déclaration des Droits de la Famille proclamée par l'Union internationale des Organismes Familiaux"
 - Editado no "Palais de l'Elysée - Paris 14 Décembre 1994"

Exmo. Sr. General Kaülza de Arriaga:
 - Obra: A minha posição política (fotocópia)
 - Autor: Kaülza de Arriaga (Jan. 95)

Exmo. Sr. Dr. Manuel Teixeira Homem:
 - Obra: Revisão da Lei orgânica do Ultramar de 22/9/1962 (Edição de 1988)

Exmo. Sócio n.º 2709 - Exmo. Sr. António C. Pinho;

CONCERTOS NA SHIP:

Quarteto de Câmara da Orquestra Metropolitana de Lisboa

No passado dia 13 de Fevereiro realizou-se mais um dos habituais Concertos. Desta vez actuou o Quarteto Olisipo que acompanhou a clarinetista Esther Georgie.

Foram executadas as seguintes obras:

- "Quintet, op. 31 para clarinete e quarteto de cordas" de Howells; "Quinteto n.º 9 em Si Maior, op. 18 n.º 6" de Beethoven e "Quinteto para clarinete e cordas" de Mazonchy, clarinetista Esther Georgie.



ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

QUARTETO OLISIPO

Tiveram connosco, desta vez, o QUARTETO OLISIPO, formado por JAMES DAHLGREN, americano, violino; NIKOLA VASILJEV, jugoslavo, violino; PAUL WAKABAYASHI, americano, viola; e PAULO GAJO LIMA, português, violoncelo.

Em duas das composições foi acompanhado pela clarinetista ESTHER GEORGIE, americana.

Um quarteto de cordas é constituído, normalmente, por dois violinos, viola e violoncelo.

No entanto, por vezes, um outro instrumento pode ser incorporado, substituindo, por exemplo, um dos violinos pelo piano, ou, como acontece na primeira das peças, pelo clarinete.

Qualquer destes dois instrumentos pode também juntar-se ao quarteto, formando-se então um quinteto, como se verificou na última peça: Rapsodia quíntet, op. 31.

O programa constou das seguintes peças:

- Quarteto com clarinete em Mi bemol Maior, op. 2 n.º 1, de BERNHARD HENRICK CRUSELL, com quinto intérprete: Poco adagio-Allegro-Ritualme-Costabile/Menuetto-Allegro/Rondo-Allegro vivace;

Quinteto n.º 6 em Si Maior, op. 18 n.º 6, de LUDWIG VAN BEETHOVEN, com quatro intérpretes: Allegro com brio/Adagio ma non troppo / Scherzo-Allegro / Adagio-Allegretto quasi allegro / Adagio / Allegretto.

- Rhapsodie Quintet, op. 31, para clarinete e quarteto de cordas, de HERBERT HOWELLS.

Nota sobre os compositores:

- CRUSELL (1775-1838) - grande clarinetista e compositor finlandês, pouco conhecido em Portugal. Nota interessante: foi um notável linguista, tendo recebido, em 1837, a medalha de ouro da Academia Sueca pelas suas traduções de óperas italianas, francesas e alemãs para Sueca.

- BEETHOVEN (1770-1827), compositor alemão, tão conhecido que dispensa comentários.

Recordamos, não somente, que marcou a transição do estilo Clássico para o Romântico, e que a sua influência na história da música foi extraordinária, facto de que as suas famosas nove sinfonias são um testemunho eloquente.

- HOWELLS (1892-1983), organista e compositor inglês.

Dedicou grande parte da sua vida ao ensino em escolas e universidades. Deixou uma vasta obra, incluindo composições Corais.

Como nos anteriores Concertos a execução foi de grande qualidade, merecendo fortes aplausos da assistência.

Estes concertos de música de Câmara, conforme já foi informado no Boletim de Janeiro p.p., realizar-se-ão nos dias 20 de Março (2.ª feira), 24 de Abril (2.ª feira), 15 de Maio (2.ª feira) e 18 de Junho (4.ª feira).

Música Coral

No dia 24 de Fevereiro último actuou o Coro "Notas Soltas", de Vila Franca de Xira, sob a direção da maestrina Tita Costa.

Encontrava-se já completamente definido o programa de concertos corais até ao fim da época. Assim, em 31 de Março actuaria o "Coro de S. Domingos" de Montemor-o-Novo, dirigido pelo Maestro João Luis; em 28 de Abril teremos o Coro do Instituto do Emprego e Formação Profissional dirigido pelo Maestro António Leitão; em 26 de Maio estaria presente o grupo vocal "Harmonia", dirigido também pelo Maestro António Leitão; e finalmente, em 30 de Junho, voltaria a estar entre nós o Coro "Laudate" de S. Domingos de Benfica, dirigido pelo Maestro José Eugénio Vieira.

CONCERTOS CORAIS

Gelo? Concertos da última sexta-feira de cada mês?

- 3.º Concerto da 6.ª Temporada

CORO NOTAS SOLTAS DE VILA FRANCA DE XIRA

Este Coro foi fundado em 1990 com sete elementos semente. Tem actualmente trinta vozes, sendo a maioria estudantes dos ensinos secundário e universitário, de ambos os sexos. Aproveitando bem os cinco anos que decorreram entre tanto, vêm desenvolvendo uma actividade constante tanto nas suas actuações como também organizando Concertos e Encontros de Coros.

Conhecemos o Coro há cerca de dois anos e temos, então, uma agnável surpresa, dada a sua qualidade. Este concerto só veio confirmar essa primeira opinião. Tem a sorte de dispor de vozes muito boas e o saber necessário para aproveitar da melhor forma, dando-lhes o devido relevo e valorizando o repertório do Coro.

Apresentaram-nos um programa diversificado: "Adoramus te" de autor anônimo; "In mente clivei", de Giovanni Battista Martini; "Stabat Mater", de Zoltán Kodály; "Cibavit Ius", de Anton Pérez Moyà; "Locus Iste", de Anton Bruckner; "Odi Et amo", de Carl Orff; "Anten", num arranjo de Norman Luboff, com solo de Barítono; "It's me, O Lord", de Josely, com solo de Tenor; "Can't Help Falling in Love", de Elvis Presley; "Nobody Knows The Trouble", de Rolf Mammur, com solo de Tenor; "Kad Si Bala Malinare", da Infeliz da Dalmacia, num arranjo de Franz McDekl; "Gobba So Pau", de C. Jaufre, "Ai, Lucka, Lucka, Szuki", harmonização de F. Ferral; "Ta Anica de Loulé", com harmonização de Mário de Sampayo Ribeiro; "Não Vás ao Mar", com harmonização de Antonio Leitão; e "Balada de Outono", de Zezé Afonso, com solo de Tenor e acompanhamento ao piano, num arranjo de José Firmino.

Foi o programa anteriormente estabelecido, ofereceram-nos ainda: "Coventry Carol", segundo a versão original do século XVI, por um Trío - 3 Tenores e Baixo - e a composição "In dir ist Friede", de Giovanni Gastoldi, por um Quinteto - Tenor - 2 Sopranos - Contralto e Baixo -, ambos 'a capella' e sem coro.

Toda a actuação foi muito equilibrada, merecendo os calorosos aplausos que o público não negou, pedindo inclusivamente a repetição da peça de Carl Orff.

A direção da Maestrina Tita Costa Pinto foi seguidamente sem ser opressiva. Quanto significar que, não descuidando todos os pequenos pormenores, em algumas das peças deixava o Coro cantar fazendo só ligeiros apontamentos de regência.

Por outro lado, conseguiram estabelecer uma grande ligação com o público. Este Coro, e a sua Maestrina, constituem um grupo de pessoas em relação ao qual ficamos com um sentimento quase de amizade.

Tivemos, pois, um Concerto interessante sob todos os aspectos.

A apresentação foi boa, como habitualmente, pelo Maestro António Leitão.

J. Costa Paulotes



GRUPO CORAL DE VILA FRANCA DE XIRA

CURSO DE CULTURA PORTUGUESA

Horário
Março 1995

Dia	Hora	Tema, Professor
07/03	15H00	LL - <i>Os Lusíadas e a Cultura Portuguesa</i> <i>Dr.ª Maria de Lurdes Cidrões</i>
	16H00	S1 - D. João II <i>Dr. Paulo Jorge Corino Sousa Pinto</i>
09/03	15H00	H - A figura de D. João II nas Crónicas de Garcia de Resende e Rui de Pina <i>Prof. Doutor António Borges Coelho</i>
	16H00	S1 - D. João II <i>Dr. Paulo Jorge Corino Sousa Pinto</i>
14/03	15H00	LL - <i>Os Lusíadas e a Cultura Portuguesa</i> <i>Dr.ª Maria de Lurdes Cidrões</i>
	16H00	S1 - D. João II <i>Dr.ª Ana Leitão</i>
16/03	15H00	S1 - D. João II <i>Dr.ª Ana Leitão</i>
	16H00	H - A evolução institucional de D. João II a D. João IV <i>Prof.ª Doutora Maria do Rosário Themudo Barata</i>
21/03	15H00	Visita ao Museu Nacional de Arte Antiga (duração 2 horas)
23/03	15H00	H - A política internacional de D. João II <i>Prof.ª Doutora Manuela Mendonça</i>
	16H00	S2 - História Naval <i>Comd. Armando da Silva Saturnino Monteiro</i>
28/03	15H00	S1 - D. João II <i>Dr. Paulo Jorge Corino Sousa Pinto</i>
	16H00	LL - <i>Os Lusíadas e a Cultura Portuguesa</i> <i>Dr.ª Maria de Lurdes Cidrões</i>
30/03	15H00	H - O Manuelino: estruturas, espaço e decoração <i>Mestre Lina Marreca Oliveira Marques</i>
	16H00	S2 - História Naval <i>Comd. Armando da Silva Saturnino Monteiro</i>

Horário
Abril 1995

Dia	Hora	Tema, Professor
04/04	15H00	LL - Concepções do Amor na lírica Camoneca <i>Dr.ª Maria João Borges</i>
	16H00	S2 - História Naval <i>Comd. Armando da Silva Saturnino Monteiro</i>
06/04	15H00	H - A pintura no tempo de D. Manuel I. Fontes e estilos para uma maneira portuguesa <i>Dr. Manuel Batexón</i>
	16H00	S2 - História Naval <i>Comd. Armando da Silva Saturnino Monteiro</i>
27/04	15H00	H - A introdução do Renascimento artístico em Portugal. Nicolau Chanterene e a influência francesa <i>Mestre Fernando Grilo</i>
	16H00	S3 - Cartografia e Náutica <i>Dr. Inácio Guerreiro</i>

**Horário
Maio 1995**

<i>Dia</i>	<i>Hora</i>	<i>Tema, Professor</i>
02/05	15H00	LL - Concepções do Amor na lírica Camoneana <i>Dr. Maria João Borges</i>
	16H00	S3 - Cartografia Náutica <i>Cmdt. António Estácio dos Reis</i>
04/05	15H00	H - A problemática do poder no século XVI: concepções e controvérsias <i>Mestre Maria Leonor Garcia da Cruz</i>
	16H00	S3 - Cartografia Náutica <i>Dr. Inácio Guerreiro</i>
09/05	15H00	LL - Concepções do Amor na lírica Camoneana <i>Dr. Maria João Borges</i>
	16H00	S3 - Cartografia Náutica <i>Cmdt. António Estácio dos Reis</i>
11/05	15H00	H - Cerimónias e rituais monárquicos nos séculos XV e XVI em Portugal <i>Mestre Maria Pávia Marçal Lourenço</i>
	16H00	LL - Concepções do Amor na lírica Camoneana <i>Dr. Maria João Borges</i>
16/05	15H00	S4 - Comunicação Social e Cultura <i>Dr. Mendo Henriques</i>
	16H00	H - A evolução institucional de D. João II a D. João IV <i>Prof. Doutora Maria do Rosário Themudo Barata</i>
18/05	14H30	Visita ao Edifício-sede da caixa Geral de Depósitos (duração 2 horas)
23/05	15H00	LL - Por Terra e Mar - Velhas Andanças <i>Dr. Ernesto Rodrigues</i>
	16H00	S4 - Comunicação Social e Cultura <i>Prof. Braga da Cruz</i>
25/05	15H00	H - A assistência social em Portugal no séc. XVI: estrutura hospitalar e beneficência privada <i>Mestre Maria de Fátima Antunes dos Reis</i>
	16H00	H - A literatura portuguesa da expansão - sécs. XV e XVI: o caso africano <i>Mestre José da Silva Horta</i>
30/05	15H00	LL - Por Terra e Mar - Velhas Andanças <i>Dr. Ernesto Rodrigues</i>
	16H00	S4 - Comunicação Social e Cultura <i>Prof. Braga da Cruz</i>

**Horário
Junho 1995**

<i>Dia</i>	<i>Hora</i>	<i>Tema, Professor</i>
01/06	15H00	H - O Brasil no contexto do Império Português nos séculos XVI-XVII <i>Mestre José Jorge Couto</i>
	16H00	H - O criptojudaismo na sociedade portuguesa em meados do século XVII <i>Prof. Doutora Maria Benedicta Araújo</i>
06/06	15H00	LL - Por Terra e Mar - Velhas Andanças <i>Dr. Ernesto Rodrigues</i>
	16H00	S4 - Comunicação Social e Cultura <i>Dr. Diniz de Abreu</i>
08/06	18H00	Sessão Solene de Encerramento



**TIPOGRAFIA
DA ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES
DAS FORÇAS ARMADAS**

Executa:

*Livros, Brochuras, Cadernos, Desdobráveis, Cartazes,
Envelopes, Cartas, Facturas, Recibos, etc., etc., etc.*

FOTOCOMPOSIÇÃO

TIPOGRAFIA

OFFSET

MONTAGEM

IMPRESSÃO

ENCADERNAÇÃO

*** *
HÁ MAIS
DE 20 ANOS
QUE LHE DAMOS
UMA MELHOR
IMPRESSÃO
* ***

ILUSTRAÇÃO DO VERSO DA CAPA

O magnífico tríptico

do Mestre Pintor Domingos Rebêlo

Cópia de uma carta que o pintor Domingos Rebêlo, teve a gentileza de escrever ao vosso Pároco interino

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1953

Agradecendo a gentileza do seu cartão, envio a nota que deseja, explicativa dos frescos que pinte na igreja de S. João de Deus.

Concepção da obra:

Os painéis laterais reproduzem a vida de apostolado de S. João de Deus, nos seus episódios mais importantes. Reservei para o painel do centro a apoteose.

Descrição das cenas:

No painel da esquerda, começando pela parte superior, vemos Montemor-o-Novo num ar festivo, pois, segundo a tradição, tocaram todos os sinos ao mesmo tempo, no momento em que o Santo nasceu.

Infância de S. João de Deus, pastor, com um cordeirinho nos braços. Soldado no serviço de Carlos V contra Francisco I de França.

Quando vendia livros, encontra na estrada um menino que lhe apresenta uma romã (em espanhol granada) tendo em cima uma cruz luminescente e lhe diz: João! Granada será a tua cruz.

No centro, vê-se S. João de Deus barbaramente flagelado num hospital de loucos, onde o internaram depois de o terem visto correr, bradando com imensa dor, e confessando-se maior pecador. Deu-se esta cena depois de ter ouvido um sermão do P. João de Ávila. Foi esta a primeira e grande humilhação que se impôs.

A base do painel representa a assistência aos pobres no hospital que fundou.

Painel da direita:

No alto vê-se S. João de Deus recebendo da Virgem Santíssima uma coroa de espinhos, símbolo das suas dores.

Esta visão teve lugar numa igreja, onde S. João entrou, para pedir à Mãe de Deus que lhe mostrasse o caminho a seguir.

Quando S. João saiu viu a casa, que está à esquerda, com um letrero que dizia: Aluga-se esta casa para pobres.

Foi ali que S. João instalou o seu hospital.

O centro reproduz um episódio frequente na vida de S. João de Deus e que marca a grandeza da sua caridade, despindo a roupa para dar a um pobre, ficando apenas com uns calções.

A seguir, base deste painel, vê-se uma cena maravilhosa que se passou no hospital, quando S. João, depois de ter lavado os pés a um pobre e se dispunha a beijá-los, reparou nas chagas dos pés. Era o próprio Jesus que lhe disse: Tudo o que fazes a um pobre, fazes a mim próprio. A luz maravilhosa que durou por muito tempo, assustou os doentes que julgavam ser um incêndio no hospital.

O painel do centro:

Reproduz, na base, uma cena comovante. S. João de Deus, já sem

poder andar, é transportado do hospital para a casa do nobre D. Garcia de Pisa onde morreu. Foi a apoteose em vida.

No centro, o bispo de Granada, D. Pedro Guerrero, dá a absolvição nas exéquias solenes. No alto a subida ao céu. À direita S. João Evangelista e à esquerda S. Rafael, patronos da ordem.

Julgo ser isto suficiente como explanação do fresco.

Pedindo a V. Exa. desculpa da simplicidade das minhas palavras, aceite os protestos da minha maior consideração.

Domingos Rebêlo

Nota - O original manuscrito encontra-se no arquivo paroquial.

O vosso Pároco aproveita o ensejo para lembrar-lhe o seu muito agradecimento ao Mestre Domingos Rebêlo a quem agradece a gentileza da sua carta.



CONSELHO SUPREMO

CONVOCATÓRIA

Convoco o Conselho Supremo para, nos termos do Estatuto, reunir no Palácio da Independência, no dia 10 de Março de 1995, sexta-feira pelas 17 horas, com a seguinte:

AGENDA DE TRABALHOS

- 1 - Reflexão sobre a Ala Juvenil (3.º ciclo) - Departamento Masculino; Departamento Feminino, Coordenação;
- 2 - Proposta da Direcção Central, dos 2 vogais de mérito em Ciências Humanas, convidados para integrarem o Juri do Prémio Identidade Portuguesa;
- 3 - Identidade e individualidade da Pátria Portuguesa (continuação). Especificidades:
 - 3.1 - Mineral: rochas únicas
 - 3.2 - Vegetal: plantas lusitanicas
 - 3.3 - Animal: raças autoctones

Lisboa e Sede da S.H.I.P., 24 de Fevereiro de 1995

O PRESIDENTE DO CONSELHO SUPREMO

HOMENAGEM AO DR. GAMA CAEIRO

Já noticiámos oportunamente a cerimónia que aqui decorreu de homenagem à memória do Dr. Gama Caeiro, realizada em 12 de Janeiro deste ano. Com a devida vénia, transcrevemos a seguir a notícia desenvolvida que o jornal "Correio da Manhã" publicou sobre o acontecimento.

Também julgamos saber que é intenção dos promotores da homenagem, a SHIP e o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, editarem um opúsculo com os diferentes passos daquela cerimónia, incluindo os discursos proferidos.

Eis a notícia do "Correio da Manhã".

GAMA CAEIRO HOMENAGEADO PELA FRATERNIDADE E ERUDIÇÃO

A erudição, o humanismo e, sobretudo, o espírito franciscano foram as qualidades mais evocadas na homenagem póstuma ao prof. dr. Francisco da Gama Caeiro, falecido em Setembro do ano passado e considerado uma figura cimeira da filosofia contemporânea e do pensamento antoniano português.

A cerimónia, recentemente ocorrida no Salão Nobre do Palácio da Independência, em Lisboa, foi presidida pelo general Manuel Freire Themudo Barata, presidente da direcção da Sociedade Histórica da Independência de Portugal – SHIP. Presentes estiveram familiares e inúmeros amigos do homenageado, entre eles altos representantes da Faculdade de Letras de Lisboa, Academia de Ciências, Universidade Católica, Círculo Eça de Queirós e do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, fundado por Gama Caeiro em 1981.

Na ocasião, o actual presidente da referida instituição, dr. Afonso Botelho, proferiu um discurso marcado por recordações afectivas, no qual referiu o "indelével sentimento de orfandade" que começou sentir-se com a morte de Gama Caeiro – a personificação do "espírito franciscano, pela humildade e extrema fraternidade para com os oprimidos" e do ideal da antiga cavalaria, defendido por D. Duarte".

Lembrou também que o espírito que o impeliu criar a Fundação Luso-Brasileira, reunindo os mais importantes pensadores de ambas as nações pela aliança da

bondade e inteligência – e não com base nos desejos muitas vezes arrozes nos poderes instituídos – foi uma constante ao longo da sua vida, recheada de grandes ideais empreendidos com uma extrema humildade.

As suas acções que ultrapassavam os limites da sociabilidade, e que procuravam atingir o estado universal, contribuindo para a inovação e abertura de diálogo humanista em ordens religiosas ou universidades, foram também evocadas pelo prof. dr. Pedro Calafate e prof. dr. Maria Cândida Pacheco – antigos alunos do mestre Gama Caeiro, autor de vários estudos sobre filosofia e espiritualidade medieval e moderna, como: "História da Filosofia em Portugal – Roteiro de Matérias e Guia Bibliográfico" (1963); "O Clínicos dos Cânticos na Obra de Santo António" (1965) e, entre muitas outras, "Lembranças de Portugal na Obra de S. António" (1965).

Optando por um discurso informal, Pedro Calafate lembrou, na ocasião, os anos de convívio com o seu professor na Faculdade de Letras de Lisboa. Como antigo aluno no mestrado em Filosofia referiu, que Gama Caeiro "não era apenas um mero funcionário. Antes queria tornar o Homem douto e bom, contribuindo para a sua perfeição".

"Esta preocupação constante não se fazia apenas sentir na sua relação personalizada com os seus alunos, abrindo-lhes o espírito e respeitando humildemente as suas opiniões. Também o modo como se dedicava às tarefas administrativas era de louvar", adiantou, referindo que não as desempenhava pelo

facto de gostar da actividade em si, mas porque sabia que a sua atenção podia, de certo modo, contribuir para o aperfeiçoamento e cada vez maior humanização das instituições.

Por seu turno Cândida Pacheco, que conheceu Gama Caeiro, em 1968, quando preparava a sua tese de doutoramento sobre o pensamento antoniano, evocou a "extrema simpatia e altruismo" do mestre e adiantou: "Em um homem com elevada erudição, disponibilidade fraternal, honestidade intelectual, que mantinha uma relação sempre tão individualizada quanto possível com os seus alunos e que defendia o franciscanismo como ideal humano".

Após uma breve alusão à vasta bibliografia de Gama Caeiro, que teve como "missão prospectivar o ensino da filosofia em Portugal", Cândida Pacheco, tal como os anteriores oradores, terminou o seu discurso deixando no ar a ideia de que o significado das suas ações e empenho nas universidades sempre foram correspondentes ao sentido pleno de universalidade.

Ditas estas palavras, Themudo Barata encerrou a sessão referindo-se aos laços de amizade pessoais com Gama Caeiro, cujo fruto mais uma vez beneficiou o incremento de ideais humanos e universalistas, que é a boa colaboração existente entre a Sociedade Histórica da Independência de Portugal e o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira."

GAMA CAEIRO HOMENAGEADO PELA FRATERNIDADE E ERUDIÇÃO

O MUSEU da Universidade de Lisboa, o Instituto Superior Técnico e a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, organizaram uma exposição sobre o pensamento de Gama Caeiro, intitulada "Gama Caeiro: o pensamento de um homem de Estado", que se encontra patente no Museu da Universidade de Lisboa, no edifício da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no Instituto Superior Técnico e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

EXPOSIÇÃO sobre o pensamento de Gama Caeiro, intitulada "Gama Caeiro: o pensamento de um homem de Estado", que se encontra patente no Museu da Universidade de Lisboa, no edifício da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no Instituto Superior Técnico e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



NOTÍCIAS SHIP é uma publicação trimestral da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, destinada a divulgar notícias e informações sobre a história da Independência de Portugal, bem como sobre as actividades da Sociedade Histórica da Independência de Portugal e do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira.

ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS



Foi, como não podia deixar de ser, uma lindíssima cerimónia. E, não podia deixar de ser, porque foi a SHIP que a delinhou, desde o inicio. Apenas sofreu algumas adaptações por dificuldades surgidas e que a SHIP teve de aceitar. Mas foi, apesar dessas limitações, uma grande realização da Sociedade Histórica. Pensamos que a reportagem fotográfica que aqui deixamos ilustra melhor o que foi este acontecimento.

As palavras servirão apenas para dizer o que foi o brilhantíssimo Requiem que a SHIP em boa hora do ano de 1993 encenou ao Cónego da Igreja da Lapa no Porto, Dr. Ferreira dos Santos. Brilhante e moderno, embora com a grandiosidade musical requerida numa obra desta natureza. E a execução do Requiem, a cargo da Orquestra Clássica do Porto e do Coro da Sé Catedral do Porto, sob a direção do Dr. Ferreira dos Santos, foi primorosa e igualmente brilhante.

A função iniciou-se, após a chegada do Sr. Presidente da República e a prestação das devidas honras militares por um destacamento da Marinha com Banda de Música, com os discursos oficiais: de saudação pelo Presidente da Câmara da Batalha, do General Themudo Barata sobre o significado da cerimónia, do Prof. Doutor Veríssimo Serrão, com uma lição sobre o Infante, do Dr. Vasco da Graça Moura que aproveitou para fazer um resumido balanço da actividade da Comissão dos Descobrimentos, do Dr. Fernando Nogueira e do Sr. Presidente da República, ambos citando a SHIP e a obra que o País já deve à nossa Instituição.

Depois, durante 1 hora, escutámos a execução do Requiem. Por fim, formou-se um cortejo, com o Presidente da República, com o Dr. Fernando Nogueira, com o Presidente da Direcção da SHIP General Themudo Barata, Engº Paulo Vallada, Irmandade de Massarelos, etc. cortejo que se dirigiu à Capela do Fundador, para junto do túmulo do Infante. Ali, onde praticamente só cabiam os participantes no cortejo, o Sr. Presidente da República e uma deputação de Academia Militar depositaram uma coroa de bronze na base do túmulo do Infante D. Henrique, ao som de um terço de clarins que executou os Inques de ordenança. E, por fim, dezenas de crianças do Distrito de Leiria, lançaram sobre o túmulo inúmeras flores, numa cerimónia cheia de simbolismo, ou seja, o futuro a homenagear o seu antepassado, como sinal de ligação indispensável entre as gerações.

No próximo Boletim transcreveremos as alocuções proferidas no Mosteiro da Batalha.

A RTP, Canal 2, transmitiu em directo toda a cerimónia, permitindo que o País assistisse a este extraordinário encerramento das Comemorações Henriquinas.



A chegada do Chefe do Estado ao Mosteiro da Batalha



Ao fundo, à esquerda, S. Ex. Rev.º o Bispo de Leiria



Alocução do Presidente da SHIP Sr. General Themudo Barata



O Chefe do Estado no seu discurso



Um aspecto da Orquestra e do Coro



Um aspecto da assistência



Cerimónia para os títulos de Infante



O cortejo, levando a coroa de bronze



*As crianças, futuro do País,
honrando o Infante D. Henrique*

CTT CORREIOS DE PORTUGAL
LANÇAM SELO ALUSIVO ÀS
"COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
S. JOÃO DE DEUS"

Os CTT Correios de Portugal lançaram, em 8 do corrente, um selo alusivo às "Comemorações do V Centenário do Nascimento de S. João de Deus", da autoria de Luiz Filipe Abreu.

Este selo que tem o preço de venda de 45 escudos, teve uma tiragem de 1 milhão de exemplares.

Lisboa, 13 de Março de 1995.



**V CENTENÁRIO DO NASCIMENTO
DE S. JOÃO DE DEUS**

Há cinco séculos, em 1495, ano da morte de D. João II e da aclamação de D. Manuel como rei de Portugal, nasceu em Montemor-o-Novo o fundador da Ordem Hospitalária que adoptou o seu nome: São João de Deus. Os pais, da condição humilde, baptizaram-se João Cidade, mas tiveram-nos juntos deles muito pouco tempo. Após oito anos, por razões ainda não esclarecidas, foi para Oropesaça, na província de Toledo, em Castela, onde se empregou como pastor. Vinte anos mais tarde, quando estavam as hostilidades entre Carlos V e Francisco I de França, deixou a guarda dos rebanhos e foi incorporado na força militar que o conde de Oropesa organizou para se juntar ao exército do imperador. Terminada esta campanha, volta a afastar-se no exército, participando nas forças que foram enviadas para defender Viena da Áustria, ameaçada pelos Turcos. Alcançada a vitória, em 1522, regressa a Espanha por mar e desembarca na Corunha. Decide, então, retornar a Montemor-o-Novo, onde apenas encontrou um tio, Afonso Cidade. Desgostoso, regressa a Espanha, estabelecendo-se em Sevilha e Gibraltar, onde opta por seguir para Ceuta. Trabalhava na reconstrução das muralhas desta praça que os Portugueses ainda desinhiam no Norte de África quando um confessor franciscano o aconselhou a regressar à Espanha.

Instalado de novo em Gibraltar, fez-se vendedor de livros e, com 42 anos, talvez ali permanecesse se não tivesse auxiliado uma criança que, numa visita, lhe surgiu como o Menino Jesus e dizer-lhe, com uma tomada na mão: "João de Deus, Granada (româ, em castelhano) será a tua cruz". Desloca-se para a antiga capital do reino árabe na Iberia e prossegue com o seu comércio livreiro. Mas ao ouvir um sermão de S. João de Ávila ficou tão impressionado e louou atitudes tão insensatas, no entender dos seus contemporâneos, que foi internado num hospital de



loucos, onde teve o tratamento usado na época: apótes para expulsar o demónio que o ensandeceu. Revoltado contra tal desumanidade e a miséria em que viviam os internados, mostrou-se curado e desde logo começou a ajudar os doentes. Em 1539 funda um pequeno hospital, em Granada, e começa a ser conhecido como João de Deus. Para prosseguir com a sua obra, como não possuía meios, esmolava durante a noite, dizendo aos granadinos: "irmãos, fazem bem a vós mesmos." A admiração que tinha pela sua obra era cada vez maior e depressa se lhe juntaram auxiliares e discípulos, o que lhe permitiu expandir a estrutura assistencial e criar os fundamentos do que seria mais tarde o Ordem Hospitalária de S. João de Deus, aprovada por Pio V, em 1571, ou seja, apenas 21 anos depois da sua morte, com 55 anos, e 119 anos antes da sua canonização, em 1690, por Alexandre VIII.

Actualmente, a Ordem Hospitalária abrange todo o mundo, contando com cerca de 2000 irmãos, formados nas mais diversas especialidades, cerca de 200 casas hospitalares e assistindo, anualmente, quase meio milhão de doentes. Em Portugal, a O.H.S.D. começou a sua obra assistencial em 1606, fundando, em Montemor-o-Novo, um hospital e uma igreja em cuja cripta se venera o local onde nasceu S. João de Deus. Em 1629 abriram um outro centro em Lisboa, nas Janelas Verdes, onde actualmente se encontra a Brigada de Trânsito da GNR, e que se tornaria na sede da Província Portuguesa. Depois da exclusão de 1814, o hospital foi abandonado. Mas, em 1893, os Irmãos Hospitalários fundaram a Casa de Saúde do Telhal, a primeira e a mais importante das oito que a Ordem detém actualmente em Portugal.



CTT - CORREIOS DE PORTUGAL, S.A.
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

NUNO FERREIRA FILIPE, O. H.



S. JOÃO DE DEUS

IMAGENS DA SUA VIDA E RESSONÂNCIAS DA SUA OBRA

I MISTERIOSA «FUGA»

Corria o ano de 1945, na vila de Montemor-o-Novo, numa casa modesta da Rua Verde, nasceu uma criança. Foram seus pais André Cidade e Teresa Duarte.

Poucos dias depois, esta criança «renascia» pelas águas do Baptismo. Puseram-lhe o nome de João Cidade, nome que mais tarde seria mudado para João de Deus. Assim lhe chamaremos desde já.

João nasceu e cresceu à sombra dum lar cristão. Não nasceu santo. Tinha naturalmente os defeitos dumha criança irrequieto que até causa desgostos aos pais, mas no meio da sua inquietação não deixava de ser dócil também. Ia com seus pais à igreja, a igreja da sua paróquia de Nossa Senhora do Bispo, hoje em ruínas, dentro do castelo arruinado também. Rezava naturalmente a Nossa Senhora, ajoelhado diante do seu altar.



No dia seguinte, João seguiu com o clérigo em direcção ao país vizinho

Corria alegremente pelas ruas do burgo como qualquer criança da sua idade. Até que sucedeu o insolito...

Tinha oito anos. Os seus pais deram hospitalidade a um «clérigo» que passou por Montemor-o-Novo a caminho de Espanha. Estranha personagem... No dia seguinte, João seguiu com o clérigo em direcção ao país vizinho, tendo sido deixado em casa dumha família que o acolheu carinhosamente.

Estranha «fuga» cujas causas ainda ninguém até hoje conseguiu explicar satisfatoriamente.

II UMA LUZ NO CAMINHO

João de Deus teve uma educação esmerada no seio da família que lhe deu acolhimento. Sendo já adolescente, dedicou-se à guarda de rebanhos, ocupação muito vulgar no tempo. O seu espírito irrequieto sonhava com horizontes mais vastos, com aventuras arrojadas. Não embarcou para as Américas, como faziam tantos jovens do seu tempo, mas resolveu seguir a vida militar como voluntário do exército de Carlos V que combatia contra Francisco I de França. Era a sua segunda «fuga»,



Dizem alguns biógrafos que Nossa Senhora lhe apareceu sob a forma dumha jovem pastora, lhe matou a sede e lhe deu forças para regressar ao seu acampamento.

desta vez consciente e explicada: sede de aventura.

Mas a vida de soldado não correu à medida dos seus desejos. Foi mesmo frustrante. As campanhas militares desenrolavam-se nos Pirinéus, mais concretamente em Fuenterrabia. João montou uma égua tomada ao inimigo para ir à procura de víveres. O animal correu desabridamente em direcção ao campo adversário e o infeliz cavaleiro foi arremessado contra um monte de pedras. Perdeu os sentidos e ficou muito ferido, a sangrar. Tendo voltado a si e vendado-se em tão grande perigo de vida e de ser apinhado pelo inimigo, começou a rezar, implorando o socorro da Santíssima Virgem, de quem fora sempre tão devoto. Dizem alguns biógrafos que Nossa Senhora lhe apareceu sob a forma dumha jovem pastora, lhe matou a sede e lhe deu forças para regressar ao seu acampamento. O perigo iminente obriga a pensar na fragilidade da vida...

Outro perigo ainda maior esperava João. Por ter deixado roubar valores subtraídos ao inimigo, foi impiedosamente condenado à morte. No último momento, porém, foi-lhe comutada a pena em desterro do exército. João regressou a Oropesa vexado, envergonhado...

III OPERÁRIO

João de Deus não quis confinar-se a Oropesa. Tentou nova aventura militar na guerra contra os turcos na Hungria. De lá veio a Portugal, entrando pelo norte de Espanha. Deslocou-se até Montemor-o-Novo. Soube ali que seus pais já tinham morrido. (O pai, após a morte da esposa, fez-se religioso franciscano, tendo falecido em Xabregas em 1520). João de Deus dirigiu-se depois para Espanha a caminho de Ceuta. Nesta cidade ficou ao serviço dum fidalgo que havia sido desterrado para ali pelo Rei, depois de lhe ter confiscado os bens. O fidalgo, a esposa e as quatro filhas caíram doentes e começaram a passar grave necessidade. Chamou João em segredo e mostrou-lhe como era atípica a situação em que se encontravam. Pediu-lhe então que lhes fizesse o favor de ir trabalhar nas obras



Relevante énto que lhe fizesse o favor de ir trabalhar nas obras das muralhas da cidade

das muralhas da cidade. João aceitou de boa vontade e todos os dias repartia o salário com aquela família.

João de Deus experimentou o trabalho duro dos operários que trabalhavam na fortaleza da cidade. Considerou-o providencial para se treinar em tarefas de bem-fazer. Tarefas que mais tarde o haviam de ocupar totalmente ao serviço dos mais necessitados.

IV

UM CONSELHO AMIGO

João de Deus sofreu em Ceuta um desgosto muito grande. Um seu amigo e colega de trabalho, talvez conterrâneo, saturado da vida dura que levava, resolveu fugir para terra de mouros. (Ceuta era uma cidade portuguesa desde 1415, altura em que foi conquistada aos mouros). O que mais doía a João não era propriamente a fuga do amigo mas o ter renegado a fé cristã para aderir à religião muçulmana. Um facto desse tinha um impacto profundo numa sociedade ainda profundamente religiosa como era a do século XVI.

IV



É a hora dum conselho amigo, que pode fazer mudar a rumo duma vida.

João andava triste e preocupado. Talvez com a tentação de imitar o seu colega... Quando há uma tristeza profunda, a razão pode obscurecer-se e as tomadas de posição podem ser desastrosas. É a hora dum conselho amigo, que pode fazer mudar o rumo duma vida. João de Deus encontrou esse conselho num frade franciscano a quem abriu a sua alma. Contou-lhe todas as suas preocupações e confessou-se com espírito penitente. O sacerdote, vendo o perigo que corria aquele humilde operário, aconselhou-o com insistência a que deixasse Ceuta. João obedeceu, com grande pena da família a quem servia. Esta foi em breve amnestiada e pôde regressar à sua terra e à posse dos seus bens.

V

GRANADA SERÁ A TUA CRUZ

Granada era uma grande cidade, capital do último reino mouro da Península, a qual havia sido conquistada pelos Reis Católicos, Fernando e Isabel, em 1492. João de Deus havia de encontrar nesta cidade a sua cruz, a cruz da sua vocação, que o havia de guindar às alturas da santidade. Eis como aparece estilizado o facto pela pena de muitos biógrafos:

Andando João ocupado na tarefa de vender livros nos arredores de Gibraltar, encontrou, num dia de calor escaldante, um menino descalço e pobemente vestido. Teve pena dele e deu-lhe os sapatos que trazia. Mas o menino não conseguia caminhar com sapatos tão grandes. João de Deus ofereceu-se para o levar às costas. Colocou-o aos ombros juntamente com o fardo dos livros. O calor apertava e João sentiu muita sede. Ao passar junto duma fonte, colocou o menino e o fardo dos livros à beira da estrada e foi à fonte beber. Ao olhar para o menino, viu que este estava

V



João de Deus, Granada será a tua cruz.

transfigurado. Era o Menino Jesus. Irradia luz e numa das mãos ostentava uma romã entreaberta (granada em espanhol) encimada por uma cruz. Com voz meiga, o Menino disse a João: «João de Deus. Granada será a tua cruz». E a visão desvaneceu-se.

João de Deus foi para Granada à procura da sua cruz — a cruz da vocação —, com a qual havia de atingir as alturas do heroísmo.

VI

VENDE LIVROS

João de Deus, tendo deixado Ceuta, fixou-se durante algum tempo em Gibraltar. Trazia fogo na alma. Trazia a dor de ter deixado uma família em situação precária, o alívio dum tentação perigosa vencida e a esperança de encontrar uma ocupação que sublimasse os anseios nobres e ainda mal definidos do seu espírito. Com 42 anos de idade, era já tempo de fixar-se. Deus encaimhava-o para Granada, onde havia de empreender a sua última aventura, a aventura sublime da santidade.

Deve ter desemburcado com os bolsos vazios. Novamente recorre ao trabalho para obviar às primeiras necessidades. Conseguia comprar livros para os distribuir como vendedor ambulante. Livros piedosos e estampas variadas, sem excluir os convencionais chamados

VI



Era tão afável e humano para com todos, que muitos compravam o que não pensavam.

prefatos. João carregava com o cesto dos livros às costas e percorria Gibraltar e as regiões circunvizinhas. «Era tão afável e humano para com todos que muitos compravam o que não pensavam», afirma o seu primeiro biógrafo. Porém, esta profissão de vendedor ambulante não o satisfazia. Porque não fixar-se numa cidade populosa e montar ali uma pequena livraria? Além disso, continuava insatisfeito. Tinha procurado muito e alcançado pouco. Sonhava com algo de mais importante. Um ideal pelo qual valesse a pena viver. Uma livraria em Granada, modestíssima aliás, seria apenas uma ocupação ocasional, como veremos. Até aqui ainda não vimos João de Deus «de corpo inteiro», dando tudo por tudo na vivência dum grande ideal.

VII É ACOLHIDO PELO PADRE ÁVILA

João de Deus nunca foi o que se possa chamar um extraviado. Foi, sim, um inquieto, à procura de algo que valesse a pena viver e que tardava a chegar. Estando em Granada, onde se ocupava a vender livros, foi assistir à festa de S. Sebastião, celebrada na Ermida dos Mártires. Foi no dia 20 de Janeiro de 1538. O pregador da festa era o Padre Mestre Ávila, orador famoso e homem de grandes virtudes religiosas (é hoje S. João de Ávila). Entre os assistentes encontrava-se João de Deus. As palavras do inflamado orador caíram-lhe no fundo da alma com grande impacto. A emoção foi crescendo e o seu espírito transbordou. Olhando a sua vida passada, parecia-lhe toda ela uma cadeia de omissões e de pecados. Tanta coisa que

VII



Escutou os seus desabafos, a sua confissão. Deu-lhe o perdão de Deus.

deixou de fazer e tanta coisa que não devia ter feito. Uma vida sem sentido... É assim o homem iluminado por Deus. Tudo se avoluma. As pequenas faltas parecem pecados enormes. Foi assim com João de Deus. Ficou como que fora de si. Gerou-se nele uma autêntica crise religiosa. Resolveu penitenciar-se publicamente, como veremos.

Foi levado até junto do Padre Ávila, que o acolheu com benevolência e compreensão. Escutou os seus desabafos, a sua confissão. Deu-lhe o perdão de Deus. Desde esse momento, nunca mais deixou de ter contacto com ele. Foi o seu director espiritual. Valeu-lhe nos momentos difíceis e animou-o sempre nos seus bons propósitos.

VIII É ENXOVALHADO

João de Deus escolheu uma forma de humilhação extrema para se penitenciar dos seus pecados. Profundamente emocionado, vai à sua tenda de livros, vende-os ao desbarato ou distribui-os até gratuitamente, rasga os que lhe parecem inúteis e, sem má, corre pelas ruas de Granada em atitudes que logo foram tomadas como loucura. João levava uma cruz. Muitos o julgaram louco e faziam troça dele, sobretudo os garotos da rua que lhe arremessavam pedras, mas não estaria João realmente louco? — Emocionadíssimo, sim. Louco não. Tinha optado por esta humilhação extrema. Outros santos tiveram também a sua «crise» espetacular. S. Francisco de Assis despiu-se diante do pai, que o repreendia da sua liberalidade. Assim, quase nu, mostrou que se desprendia de tudo (A família era rica). De futuro seria mais livre, confiando unicamente no Pai do Céu.

João não tinha perdido o conhecimento. Aos garotos que lhe atiravam com pedras pedia que lhe atirasse simplesmente lama, para não o ferirem. Enfim «loucuras» que não são facilmente compreendidas. Também Jesus não foi compreendido por Herodes que, por isso, o tratou como louco...

VIII



João levava sua cruz. Muitos o perseguiam louco...

Pessoas de bons sentimentos, condoidas perante o comportamento estranho de João de Deus, levaram-no ao Hospital Real, onde foi encerrado na secção dos loucos.

IX MALTRATADO

João de Deus no Hospital Real sofreu humilhações tremendas. Sofreu o tratamento bárbaro então em voga para os doentes mentais. Eram amarrados e agredidos cruelmente. Dominava então a ideia de que um doente mental era um

IX



Eram amarrados e apedeados cruelmente.

possesso do Diabo. Açoitando o doente, procurava atingir-se o Diabo metido nele... Logicamente, se os açoites caíam sobre o espírito maligno, era necessário que fossem muito fortes para o expulsarem.

João de Deus suportou tudo isto, mas sem deixar de denunciar tal atitude. Dizia mesmo que não era para isso que o rei mantinha o hospital.

João mudou de atitude. Mostrou-se calmo e pronto a servir os doentes. Passou de doente a enfermeiro. E com tal dedicação que conquistou o respeito e admiração de todos. Considerava o doente mental o que realmente era: uma pessoa perturbada nas suas faculdades mentais e portanto carecida de compreensão e afecto. Assim havia de fazer mais tarde no seu hospital.

Certo dia resolveu sair do hospital. O seu espírito pairava alto. Era preciso fazer algo de novo: fundar ele mesmo um hospital onde pudesse dar largas à ânsia de se dedicar totalmente aos mais necessitados, seguindo critérios ditados pelo seu zelo e extraordinário senso prático.

X

ENFERMEIRO DEDICADO

João de Deus preparou-se para a sua nova profissão, motivado pelo seu grande amor a Deus e ao próximo. Aconselhou-se com o seu director espiritual e foi em peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe.

Granada era uma cidade com enormes carencias. Tinha bairros de gente miserável, sobretudo os bairros mouriscos onde vegetava imensa gente que não conseguiu ou não quis fugir após a conquista pelos cristãos. Mendicidade, vadiagem, prostituição eram chagas que se tornava necessário curar, ou pelo menos minorar.

Havia em Granada vários hospitais, mas faltava um à medida do coração de João de Deus. E esse hospital apareceu, numa casa alugada na Rua Lucena. João de Deus começava uma nova etapa na sua vida, com a total dedicação aos mais carenciados. Ao seu hospital acorria uma multidão de necessitados. João era todo para eles. Prestava-lhes também uma assistência religiosa cuidada. Para os doentes mentais tinha uma secção

X

*Por eles se sacrificava até ao heroísmo*

especial, onde eram tratados com métodos humanos e não como possessos do Diabo. Idosos, aleijados, loucos, paralíticos, crianças abandonadas eram agora a sua família. Por eles se sacrificava até ao heroísmo. Por eles sofreu incompreensões. Por eles deu a vida aos poucos. Deu tudo, dando-se a si mesmo...

XI

«IRMÃOS, FAZEI BEM A VÓS MESMOS!»

Fundar um hospital sem ter meios para o manter, sem crédito pessoal nem fortuna, seria uma autêntica loucura, se virmos as coisas com critérios puramente humanos. Mas o que é loucura aos olhos do mundo pode ser sabedoria aos olhos de Deus.

João de Deus fundou um hospital sem ter meios para o manter. Mas a sua fé e sentido prático haviam de encontrar meios para levar avante tamanha empresa. Começou a pedir esmola. Não como qualquer mendigo, mas com palavras e atitudes que convenciam as pessoas a serem generosas para com os necessitados. Ao cair da noite, costumava percorrer as ruas de Granada com uma alcova às costas e gritando: «Irmãos, fazei bem a vós mesmos!»

Este estranho método de pedir esmola interpelava as pessoas. Toda a gente gosta de fazer bem a si mesma. Segundo a lógica de João, com por cento evangélica, fazer bem aos outros é fazer bem a si mesmo. E muitos, sentindo a convicção de quem pedia para os outros com tais modos, abriam-se em generosidade. João regressava ao hospital com provisões e dinheiro. Convidava os doentes a rezar pelos benfeiteiros. Mas as esmolas, embora abundantes, nem sempre chegavam e João viu-se na necessidade de contrair dívidas. «Estou muito endividado por causa de Jesus Cristo, diz numa das suas cartas.

XI

*«Irmãos, fazei bem a vós mesmos!»*

XII

VIA JESUS CRISTO NOS DOENTES

João de Deus conhecia e vivia o Evangelho. Vivia-o na sua radicalidade. Sabia que aquilo que se faz aos doentes e outros necessitados Jesus Cristo o aceita como feito a si mesmo. «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes» (Mt. 25, 40). É esta a «nota final» que Jesus dará no exame do juízo universal sobre a prática das obras de misericórdia.

XII

*«João,... é a mão que lava os pés quando os lavam a um pobre».*

João de Deus costumava lavar os pés aos doentes quando os recebia no seu hospital. Um dia, quando estava ocupado nesta humilde tarefa, notou que o doente se transfigurou e que nas mãos e nos pés estavam esculpidas as chagas de Cristo crucificado irradiando luz. Então Jesus disse-lhe: «João, todo o bem que em meu nome é feito aos pobres, a mim mesmo é feito; sou eu que estendo as mãos para receber as esmolas que lhes dão; é a mim que lavam os pés quando os lavam a um pobre».

A visão desvanece-se. Os doentes viram a claridade fulgurante e julgaram que era fogo. Era realmente o fogo que ardia no coração de João de Deus...

Esta verdade evangélica, segundo a qual tudo o que se faz aos doentes e necessitados Jesus o recebe como feito a si mesmo, é o núcleo central de toda a espiritualidade dos Irmãos de S. João de Deus.

XIII NO MEIO DUM INCÊNDIO

Foi no dia 3 de Julho de 1539. Às 11 horas da manhã, declarava-se um violento incêndio no Hospital Real de Granada. Não havia corporações de bombeiros como hoje. Tudo depende da iniciativa de cada um. João corre a acudir aos doentes. As chamas eram alterosas. João conhecia muito bem todos os recantos do hospital. Entrou intrépido, correndo o risco de morrer queimado. Mas a ele o que mais o inquietava era o perigo dos outros. Entrou e começou a arrastar os móveis para a rua, salvando o que podia ser salvo. Os doentes que não podiam andar trouxeram nos braços e às costas para a rua. Após ter posto a salvo os doentes, quis atalhar o fogo. Viu-se quase envolvido pelas chamas que invadiam de todos os lados. Muita gente estava a observar da rua o terrível espetáculo, tendo-se João sumido entre as chamas, julgaram-no morto, com imensa pena.

XIII



Os doentes que não podiam andar trouxeram nos braços e às costas para a rua.

Quando menos se esperava, viram-no sair ileso, apenas com leves queimaduras nas sobrancelhas. Dir-se-ia que o fogo do amor a Deus e ao próximo que ardia dentro dele impediu que o fogo material o atingisse.

João arriscou a vida. Quem dá a vida dá tudo. «Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (Jo. 15, 13).

João de Deus soube arriscar tudo pela causa que servia. Arriscou a saúde, arriscou a fama, arriscou a vida...

XIV ENCONTRO COM A MORTE

Depois de 12 anos de intensa actividade, João de Deus encontrava-se esgotado. Estando com febre e muito fraco, dirigiu-se ao Rio Genil a fim de apanhar lenha que a enxurrada tinha deixado nas margens. Foi também outra gente pobre. Tendo um rapaz caído à água, João foi ao encontro dele, avançando o mais possível.

O resfriamento e o desgosto de não ter conseguido salvar o jovem devem ter influenciado no agravamento da doença. Não podendo ser convenientemente assistido no seu hospital por estar sempre

XIV



Morreu como havia vivido: de joelhos perante Deus, abraçado à cruz redentora de Cristo.

preocupado com os doentes, foi levado para casa dum benfeitor, D. Ana Osório. Ali foi tratado com muito carinho. O Arcebispo de Granada, que muito o protegia, visitou-o. Celebrou Missa nos seus aposentos e administrou-lhe o Sacramento dos Enfermos.

João de Deus procurou pôr em ordem tudo quanto se referia ao bom andamento do hospital. Quis que o seu discípulo António Martín o substituisse. Deu-lhe as últimas instruções e preparou-se para a morte. No dia 8 de Março de 1550, de madrugada, estando ajoelhado junto do altar erguido no seu quarto, entregou a sua bela alma a Deus. Tinha nas mãos um crucifixo. Tinha sido sempre muito devoto da Paixão de Cristo. Morreu como tinha vivido: de joelhos perante Deus, abraçado à cruz redentora de Cristo.

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE S. JOÃO DE DEUS

João Calisto Díaz de Orozco fundou em Montemor-o-Novo (Portugal) em 1495.

No inicio de 1500 veio estabelecer-se em Olmedo (Toledo, Espanha), onde trabalhou como pastor durante 18 anos, em casa de Francisco Cad Mayoral.

Em 1515 deixou o exílio e participou na guerra contra Francisco I, em Fuentidueña.

Voltou ao seu ofício de pastor em Grampela. Em 1512 juntou-se de novo a campanha de Carlos V contra os turcos em Viena.

Em 1515 trabalhou nas fortificações de Olmedo, assistindo como escrivão a uma fábrica de armas sobre encargo português, com duas milhas. Fez-se nessa ocasião soldado de infantaria de língua em Granada, provendo para a sua casa, onde se estabeleceu num modesto ofício, passando para Elvira nos últimos meses de 1517.

Nas semanas seguintes por S. João de Ávila, na data indicada pelo dia 20 de Junho de 1518, deixou a sua mansidosa casa, quando ficou pouco tempo depois pela sua opção decidida a servir Deus pelos pobres e doentes.

Pôs esquadra e apoiou um príncipe abrigado pelos seus vizinhos, fundou o seu primeiro hospital em Olmedo, no qual depressa obteve uma certa medida de autonomia e independência de todo o cidadão de Granada.

Trabalhou incessantemente para melhorar a situação de doentes, pobres e enfermos no seu hospital e fundado, na Califórnia e em Andaluzia, durante um período de 12 anos. Para isso mudou-se em 1540 para um hospital maior que seis colaboradores lhe adquiriram e pôs下手 a construção de um hospital maior dedicado a Granada.

Enviou e direceu, desde Granada no dia 8 de Maio de 1550, sendo recebido no seu funeral uma aposento de fadas a cada de Granada e a Andaluzia.

Tracos da sua personalidade

Apego a tradições e costumes:

- Sempre permitiu o vestir alegre;
- Costumava usar gestos mais significativos nos pechos recostados;
- Não fazia encenação perante os solitários humanos;
- Ainda "bom" ficava e permanecia;
- Sempre falava quando necessitava das, ultimamente assistidas;
- Entregava-se sem condicões a seu trabalho hospitalar;
- Sabia que não pode remunerar os profissionais de todos, mas estreita-se sempre que é possível a sua rede de amizades e pessoas;
- Pratica hospitalidade de serviço universal e diversificada;
- Expressa a rigidez da sua disciplina com possibilidade de todas as categorias e condições de forma concreta.

Datas históricas da sua vida e obra

1495	Naixem em Montemor-o-Novo, Portugal.
1511	Chega a Granada, Espanha.
1518	Conversão de experiência religiosa e hospitalaria, fundando o seu primeiro hospital.
1534	Morte de sogro, recebe testamento, associa os primeiros seguidores hospitalares e funda o seu hospital maior.
1540	Morre em Granada a 8 de Maio.
1560	É beatificado por Urbano VIII a 21 de Setembro.
1600	É canonizado a 16 de Outubro por Alexandre VII.
1695	É declarado Patrono dos Hospitais e Doentes por Leão XIII a 27 de Março.
1930	É proclamado Patrono dos Enfermeiros e da sua Associação pelo Papa Pio XI, em 28 de Agosto.
1953	É declarado Patrono dos Bombeiros em Espanha.
1990	É declarado co-Patrono dos Bebedores em Portugal.

Datas históricas da sua Ordem

Após a sua morte, a sua Ordem foi confirmada por um concílio presbiteral em Roma, Itália, diversas nações da Europa, da América e África.

Foi reconhecida por S. Pio V (1.1.1572), por Sixto V (1.1.1586) e por Pio IV (12 de Abril de 1605).

Em 1611 dividiu-se juridicamente em duas Congregações: a espanhola e a italiana, as quais, após grande desenvolvimento e expansão pastoral e muitas vicissitudes, incluiu o desaparecimento em muitos países, incluindo Espanha, Portugal e América, actualmente novamente por se unificarem.

A sua ordenação em Espanha foi realizada em 1967 e em Portugal em 1991-2.

TEXTO:

Com a devida vénia, transcrevemos o texto e respectivas ilustrações da obra de S. João de Deus. Imagens da sua vida e ressonâncias da sua obra da autoria de Nuno Ferreira Filipe, O.H.

Edição do Secretariado das Irmãs de S. João de Deus.

Qual era o caminho de Afonso XIII para Portugal, segundo os arquivos de Paiva Couceiro

"Quien aspira a cesar se un diadema por la fuerza no ha de mirar los peligros sino solo a adquirir la responsabilidad de alcanzar el triunfo."

(Palavras de D. Maria Francisca de Bragança a D. Carlos de Espanha, seu esposo e pretendente ao trono da sua pátria após a morte de D. Fernando VII).

A sensacional entrevista de Félix Correia com Paiva Couceiro, publicada no nosso prezado colega *Diário de Lisboa*, deixava prevés os caminhos que Afonso XIII procurava para a penetração em Portugal. Velho amigo do Paladino, quis ouvi-lo. Abriu-nos os seus arquivos. Eis o resultado.

É caso de dizer, ante a frase da princesa, que mesmo quando não é pela força que se deseja conquistar uma nação a responsabilidade é idêntica.

D. Afonso XIII, de Espanha, esteve longe de semelhantes tentativas em relação a Portugal empregando os meios violentos. Soubava, em verdade, a influência no nosso país, a qual iria até à absorção, mas empregando meios suaves, servindo-se de planos disfarçados, suasões.

Enquanto reinou D. Carlos, que também, por momentos, imaginou, através das promessas de Oliveira Martins, a possibilidade do trono da Iberia, o rei espanhol quedou-se. Após a tragédia do Terreiro do Paço não deixou de manifestar o seu desagrado por D. Manuel II.

Ganharia uma esperança?

Entrevistado, em 1909, por Carlos Malheiro Dias, achava "uma garantia para o futuro os grandes domínios coloniais" de Portugal e eram as colónias a sua obsessão.

Falando do monarca português disseira, quasi desprendidamente:

"Não se assiste a horrores a que assistiu o rei de Portugal com a indiferença com que se vêem touros de barreira. Mas, independente disso, parece-me que D. Manuel é de seu natural alegre. Em quase todos os instantâneos reproduzidos na *Ilustração Portuguesa*, o rei está sorridente."

— Pode-se sorrir sem ser alegre — voltou-lhe o ilustre escritor; e ele redarguiu:

— Uma alegria não existe sem motivo!

Fez depois elogios ao monarca e como o interlocutor avançasse além do que deveria praticar, insinuando-lhe que aconselhasse o soberano, respondeu com a maior isenção:

— Um rei não pode ter conselheiros fora do seu país!

Ate aqui D. Afonso XIII não se manifestava em exageros captadores. Proclamada a república, embora o rei português tivesse estado sob o fogo dos navios de guerra revoltados desde a uma c

meia às duas e meia da tarde de quarto de Outubro, dizia desdenhosamente:

— Manolo, es hembra?

Daí por diante, tanto ele como o Kaiser trataram sempre com certa segurança o exilado e, por parte do rei de Espanha, começaram as gentilezas para com os portugueses tanto monárquicos como republicanos.

Julgava-se que ele impulsiona o movimento incursional de Paiva Couceiro — em 1911-1912 — Não sucedeu assim; os incursores mantinham-se na raias, mercê das proteções de vários vultos galegos de preponderância, nomeadamente D. Eduardo Cea, marquês de Riestra.

As contrariedades sucediam-se, promovidas pelo poder central, e o monarca, ante o que se passava, expunha deste modo a sua opinião numa frase que lhe foi atribuída e se repetiu num autêntico segredo de polichinelo:

— "O que convém à Espanha é a república em Portugal. É o caldo de cultura de bacillus no qual o meu povo, debrucado sobre a fronteira, verá o espelho das repúblicas na península".

O seu povo não achou o exemplo tão mau como a majestade julgava, nem ele aguardou tanto tempo para o deixar como D. Manuel II, tão desdenhado pelo rei espanhol.

Paiva Couceiro, no conselho das incursões, fazia uma proclamação, a qual era assim encabeçada:

— Portugueses e só portugueses.

O rei activara a sua propaganda; a diferença de regalias parecia encantá-lo, falando sempre, ele, rei de tendências absolutistas, na aliança estreita da península, onde se implantara uma república. E condecorou o deputado Afonso Costa, sem pretexto de maior, com uma das mais altas ordens do reino: a grã-cruz de Carlos III.

Bismarck também ajudara à proclamação da república francesa, esperando a desordem enfraquecedora. Seria o caminho triunfal da Alemanha. Assim o esperava, Engatou-se. O mesmo sucederia a Afonso XIII escolhendo a sua trilha, embora cautelosamente, mas sem contudo deixar de expôr o que imaginara deslumbraria os portugueses.

As mais célebres das suas opiniões, em ofertas claras, fez-las a Augusto de Castro, na entrevista de Miramar, realizada em 19 de Setembro de 1922.

Começara por se confessar "amigo sincero de Portugal". Desejava "demonstrá-lo" e, avisado em rebuços: "em Portugal desconfiam, eu sei-o, dos meus sentimentos". E a sua demonstração positiva requeria factos. "É mister realizar." Acudiam-lhe as propostas estudadas de

animão, infindáveis: a penetração pacífica mascarada em ofertas tentadoras, desinteressadas. O seu objectivo era a rapidez de transportes a pretexto de turismo, com o qual — dizia o monarca — "os senhores têm tudo a ganhar".

"Nada mais simples — acrescentava — é uma questão de construir apenas um troço de caminho de ferro de sessenta quilómetros, ligando Placencia a Castelo Branco. Esse troço encurtaria o trajecto consideravelmente. Apenas isto — que está estudado e conhecido!"

"Que está estudado e conhecido!" Tal era a atenção com que se dedicava ao problema, como se esse comboio servisse para o conduzir ao poder.

O jornalista ilustre falou-lhe da dificuldade de capitais e, deixemos o sabore das palavras como foram escritas nesse tempo: "o rei, com um gesto de afirmação imperiosa, contesta:

— "Quiciram os senhores e tudo se fará! Eu me encarrego disso. *Nous marchierons* — diz em francês." E a capitulação prosseguia, achando tudo fácil de resolver, declarando:

— "Bastaria pôr de parte sentimentos de excessiva sensibilidade, que nada justifica, porque a obra dum sólido entendimento entre Portugal e Espanha, à parte todas as decisões políticas que ninguém — afirma isto claramente — respeita mais do que eu, representa um programa de entendimento peninsular."

Os oferecimentos iam até ao excesso:

"É preciso convencermos-nos de que não é possível isolarmos materialmente ou erguer muralhas comerciais entre os dois países com uma tão extensa fronteira terrestre e um tão largo contacto geográfico."

E, referindo-se à questão financeira, Afonso XIII quis pretender salvar-nos, tal era o seu amor pela nação vizinha:

"O interesse dum Espanha forte e próspera não é ter a seu lado um vizinho pobre e enfraquecido."

"Tudo quanto a Espanha possa fazer para a valorização do escudo mereceria, pois, a minha solicita atenção."

E, sem se conter, afirmou:

— "Ajudem-me de Portugal e o meu desejo é ir ao encontro do auxílio que, em conjuntura actual, a Espanha possa, economicamente, dar-lhes."

Emprestar para tornar? Os pretextos de certas guerras são tão frágeis!

Mas o monarca queria mais:

"Criar uma sociedade económica, constituída por elementos preponderantes na vida financeira e de negócios das duas nações, destinadas a estudar a forma de estreitar, sob este ponto de vista — o do

auxílio financeiro — as relações peninsulares?

Acabava numa autêntica proposta de ajuda pessoal, que, imaginava, o tomaria simpático aos portugueses, monárquicos ou republicanos; sem que, porém, nenhum deles, pelo menos oficialmente, o servisse nesse intuito:

— “Autorizo-o a dizer, em nome do rei de Espanha, que esta ideia — a da criação da sociedade económica constituída por elementos preponderantes na vida financeira e dos negócios dos dois países — que esta ideia não tem apenas a minha simpatia mas que não tenho dúvida em tomar a iniciativa da sua realização, se isso for considerado útil.”

Jámais um soberano fizera tais propostas a um país seu vizinho. Era tanto a claro que falava ao seu interesse que a certa altura consubstanciara o seu pensamento chamando ao acto: proeger! E logo, rapidamente, corrigiu:

— “Não empregue essa palavra! (proteção) Poderia criar susceptibilidades!”

O rei não disfarçara tão bem o seu pensamento que o tempo não lhe escapasse querendo, logo, apagá-lo. Mas Augusto de Castro conservou-o, abrindo uma porta pela qual espreitam mais os intuições do soberano do que em toda a entrevista. Eis como o jornalista ilustre referiu o caso:

“Reproduzo, porventura indiscretamente, este incidente da conversa, apenas para significar a delicadeza inexcedível com que Sua Magestade procurou sempre dar aos seus pontos de vista o carácter dum obra política inspirada numa absoluta reciprocidade de interesses e situações.

Bem demonstrava Augusto de Castro que seria um habilíssimo diplomata. Sómente não deixou as suas qualidades superiores de jornalista. Apontando a palavra e rebuçando-a mostrou o real pensamento do monarca: Proteger!

Ao cabo de duas horas, o rei julgou ter conseguido o seu fim.

Não recebendo jornalistas, ele queria expôr os seus pontos de vista pessoais ao representante dum órgão português de enorme expansão.

Mas ninguém solicitou o auxílio nem se deixou dominar pelas gentilezas que mostrava aos portugueses que se lhe aproximavam e, sobretudo, a oficiais do exército e aos políticos da república, visto serem eles quem mandava. Porém não o atenderam, nem mesmo sob a capa tradicional da ordem de Carlos III.

Após a entrevista sensacional, Paiva Couceiro, exilado, depois de considerações históricas acerca do período dos Filipes, mostrava a Pátria em almoeda e vários cubiculados nos lances. Dizia:

“Como primeiro arremetente — ‘à tout seigneur tout honneur’ — aparece-nos El-Rei Afonso XIII. Tem vistos largas de absorção económica. No momento actual, por intermédio do tratado de Comércio, que

está em negociações, deseja conseguir, de primeira entrada, o decreto de pesca na nossa zona marítima e as quedas de água do rio Douro com as quais conta ser na mão quase toda a força motriz portuguesa. Vamos andando. No entretanto, estão à barra de Lisboa... os dobrões de ouro de Filipe II.

Outubro, 2-1922.”

Não parava, porém, afi a fórmula infiltradora do monarca espanhol, de cujos manejos era avisado D. Manuel II, para os deter em Inglaterra, o que se fazia, mercê de circunstâncias especiais de ação.

Portugal era o derivativo da política espanhola.

No tempo de Primo de Rivera, em 14 de Março de 1924, o “A B C”, de Madrid, noticiando certa festa em que se tinham reunido entidades de categoria portuguesas e espanholas, noticiava-a, concluindo:

“Termino con vivores á Iberia, que fueran entusiasticamente contestados.”

Quere dizer: “Acabou com vivas á Iberia, que foram entusiasticamente correspondidos.”

No fim houve distribuição de comendas.

A imprensa insistia na descrição daquela festa e como não fosse desmentido o temor-soltado tais aclamações. Paiva Couceiro escreveu ao ditador Rivera uma carta de que extraímos os seguintes trechos:

“Li nos jornais que V. Exa., presidindo ao banquete, fez terminar com vivas á Iberia, que foram entusiasticamente correspondidos.

Procurando informações pelas vias competentes vim a certificar-me de que era verdade essa narrativa dos periódicos. As palavras de V. Exa. foram públicas e oficiais. Tenho, pois, o direito de ouvi-las, visto que se dirigem ao meu país, e pronunciar-me sobre elas. ora, no meu país, “Iberia” e “Iberismo” não significam apenas a boa amizade e os fracos entendimentos entre Portugal e Espanha como duas nações independentes, que as afinidades de raça e vizinhança de territórios predispõem favoravelmente uma em relação à outra. Significam e têm significado sempre, e há muito tempo, a unificação política dessas duas Nações, isto é, a absorção de Portugal pela Espanha.

Claro está, portanto, que a Pátria Portuguesa, se assistisse a essa festa solene, não teria correspondido aos vivas de V. Exa., porque fazê-lo equivaleria a renegar pusilanimamente, ou degeneradamente, as suas próprias origens e formação histórica.

Acompanhando a minha Pátria como soldado português — e não da república que vive em Portugal — venho, por isso mesmo, declarar a V. Exa. que, se estivesse presente no referido banquete teria oposto meu silêncio ostensivo e discordante aos vivas ibéricos por V. Exa. preferidos.”

Depois de invocar as suas relações em Espanha, a sua qualidade de oficial português no quartel-general de Martínez de Campos em Melilla, em 1893-1894,

prosseguiu no seu propósito, explicando o seu acto:

“Se V. Exa., todavia, o entender por forma diferente, terei muita satisfação em receber qualquer perseguição da autoridade espanhola pelo facto de ter defendido a dignidade da minha Pátria.

Nestes termos deixou formalmente consignado o protesto que julgo do meu dever apresentar a V. Exa. contra as palavras ibéricas de que se serviu no seu discurso oficial de 13 do corrente, palavras que na sua acepção portuguesa são incompatíveis com o conceito de soberania portuguesa tal como eu o entendo e o entendem todos os bons portugueses.

A consignação deste protesto é o fim único da presente carta. Assim me abstendo de quaisquer outras considerações relativas à política hispano-lusa de que são sintoma visível e claro os vivas ibéricos de V. Exa. e outros casos conexos.

O futuro se encarregará de demonstrar com factos o valor dessa política.”

Sabemos que o próprio rei teve conhecimento disto e doutros protestos, recebidos pelo chefe da sua casa civil, marquês de Albar.

Entretanto a propaganda fazia-se por meio de folhetos, de conferências, de brados aliancistas — como se fosse possível ligar dois regimes tão diferentes nalguma coisa de útil e prestável. Veja-se a Rússia e a sua aliança com a França.

Alguns dos propagandistas eram sinceros, outros interessados; se havia os que escondiam os fins em abraços líricos, também apareciam aqueles que deixavam transparecer seus propósitos evidentes em relação ao nosso país.

Chegara-se a tal ponto que Bullón y Fernández, demonstrando as razões psíquicas da nação portuguesa, num elogio, condenava os que “no han faltado quienes para dar una demostración de que Portugal carece de condiciones que expliquen su existencia como nación independiente han allegado que no existen entre Portugal y España límites naturales.”

Um publicista, Segalvera, pronunciava-se pelo auxílio à república, não por ser o “caldo de cultura”, da frase atribuída ao soberano, mas porque a dinastia expulsa, a ser restaurada, “renascerá con ella todos los obstáculos que desde 1640 vienen impidiendo la Unión Iberica”.

Não era assim. Houve sonhos logo desfeitos, porque em Portugal, acima de todas as discordias, paira o espírito nacional.

De coisa alguma serviu a Afonso XIII o seu desejo de que o povo visse a república em Portugal para lhe servir a coroa. Perdeu-a. E ao chegar a Londres, a primeira pessoa que lhe apareceu foi o rei D. Manuel, que ele tanto desdenhara. Que lhe teria dito? Quem sabe se um dia não se revelariam as frases desse sensacional encontro.



GALERIA DE RETRATOS



JAIME DANIEL LEOTE DO REGO

Oficial de Marinha, nasceu em Lagos em 1867 e faleceu em Lisboa a 26 de Julho de 1923.

Desempenhou importantes missões nas colónias portuguesas, destacando-se pelos serviços prestados em Moçambique nos estudos a que procedeu sobre a navegabilidade do rio Zambeze. Depois de fazer o reconhecimento da região das



Cachoeiras, estudou o regime do Zambeze até Cachambe. Na mesma colónia procedeu a outros estudos geohidrográficos, elaborando um *Guia de Navegação à Costa de Moçambique*. Quando da revolta dos Manganjas, evidenciou-se na luta travada que evitou a invasão de Quelimane. Quando surgiu o ultimato inglês, foi-lhe confiada a manutenção da soberania portuguesa nas águas do Chinde, a fim de impedir que os navios britânicos subissem esse rio e procedessem a trabalhos hidrográficos acima de Levante. Encontrava-se no governo de S. Tomé quando foi proclamada a República. Hesitou na

política a seguir, mas acabou por aderir ao novo regime. Esta atitude, granjeando-lhe a confiança dos republicanos triunfantes, criou-lhe também a animosidade dos monárquicos. Conta-se até que regressando Leote do Rego a S. Tomé, com funções de mando, não deixou de ser obsequiado pelos grandes magnates da colónia. No entanto, em certa casa, para onde o convidaram, Leote do Rego notou que as flores dos vastos jardins desse palácio magnífico, sendo brancas de neve ao romper da manhã, eram cor de rosa ao meio-dia e que, ao declinar da tarde, se tornavam rubras de sangue. Intrigado, perguntou a origem do fenômeno, tendo-lhe respondido a dona da casa que não sabia explicar esse capricho das suas flores, a não ser por simpatia para com o novo governador. A razão era simples: as flores, de origem nipônica, tinham essa particularidade maravilhosa, e a dona da casa aproveitou-a para atrair um remoque ao novo governador republicano. Quando da revolta do 14-V-1915, Leote do Rego, sendo capitão de fragata, foi o comandante da divisão naval que se manifestou contra o governo do general Pimenta de Castro. Na guerra de 1914, de que Leote do Rego foi estrénuo propagandista da nossa intervenção, baseando-se na defesa das nossas colónias, foi o comandante da divisão naval de vigilância e defesa das costas marítimas nacionais. Foi deputado várias vezes por Moçambique, Angola e Lisboa.

Mocuma, Bata-Bata e outras. No mesmo ano, iniciou a pacificação dos Dembos e encheu-se de glória em numerosos recontros — Casal, passagem do Ucua, Cassoangongo, Zombe, Mondua, etc. Nomeado governador interino do distrito de Huila (1908), comandou a coluna de operações que actuou em Kihita e Vimanya. Veio à metrópole, por motivo de doença. Voltou, poucos meses depois, para Angola e reassumiu o seu posto em Huila, agora como governador efectivo. Comandou novas operações que levaram à ocupação de Evale, Cafima, etc., levantou fortes militares, pacificou toda a região, fixou definitivamente a fronteira



JOÃO DE ALMEIDA

General, natural de Cairão, Guarda (1873-1953).

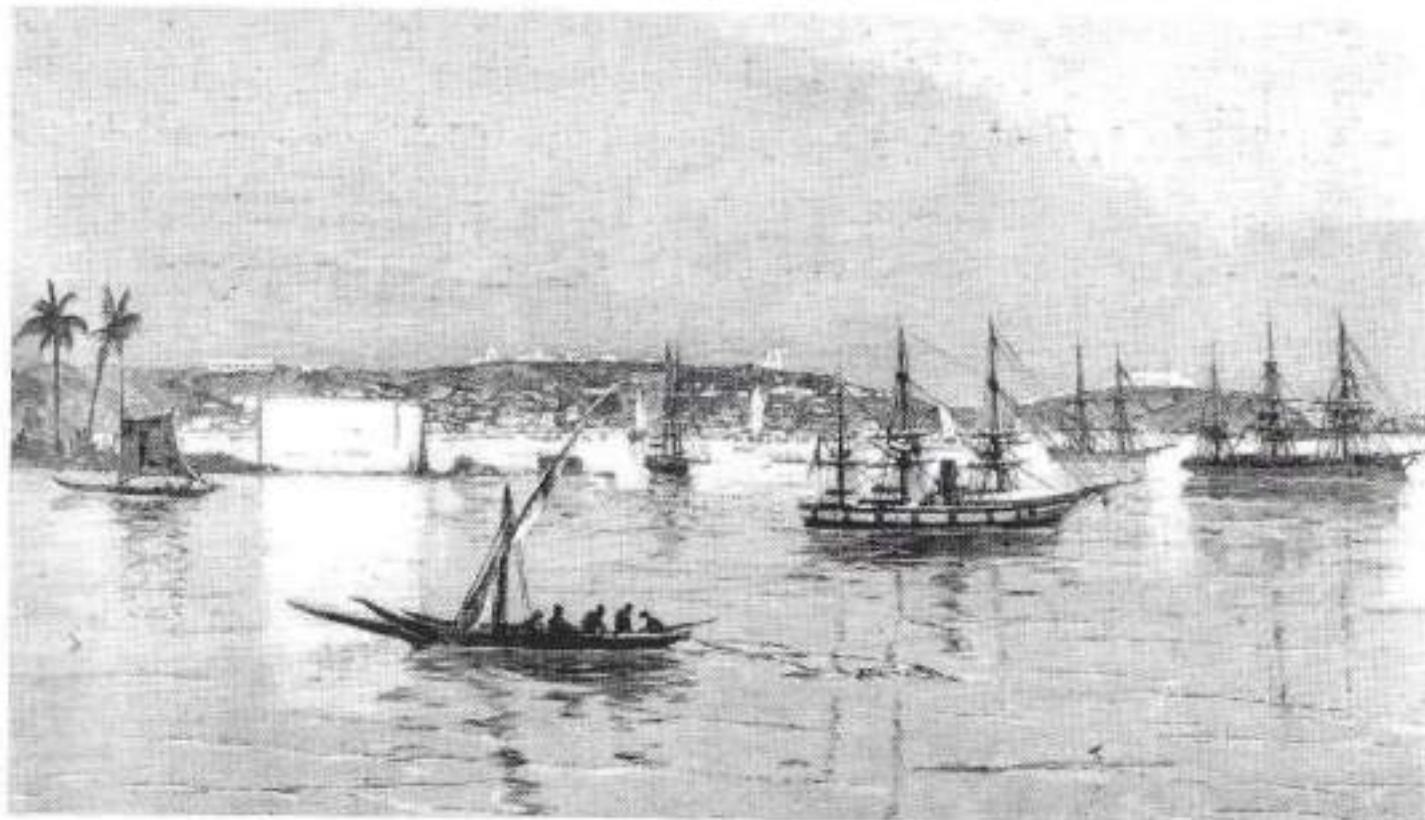
Descendente de João Fernandes Pacheco, alcaide de Alfaiates, combatente de Aljubarrota. Formado em Matemática e Filosofia pela Universidade de Coimbra, completou, com distinção, na Escola do Exército, o curso do Estado-Maior. Capitão, embarcou para Angola (1906), onde logo revelou as qualidades de colonialista insigne e grande militar. Tornou parte nas operações do Cuamato (1907) e distinguiu-se nas acções de Pocoço,

meridional de Angola e realizou notável obra administrativa, militar, económica, educativa e civilizadora. Fiel à Monarquia, pediu a demissão de governador após a proclamação da República. Demitido do exército (1912), readmitido seguidamente (1918), novamente demitido (1919), emigrou e conclui, em Paris, o curso de Engenharia Civil. Director interino das Obras Públicas de Cabo Verde (1925). Substituída a pena de demissão pela de reforma, foi reintegrado no serviço efectivo (1926) e regressou ao quadro da sua anna inicial (1928). Autor de relatórios valiosos, devem-se-lhe ainda numerosas obras, como a *Visão do Crente; Operações Militares nos Dembos em 1907* e *O Sul de Angola*, Lx., 1912, etc.

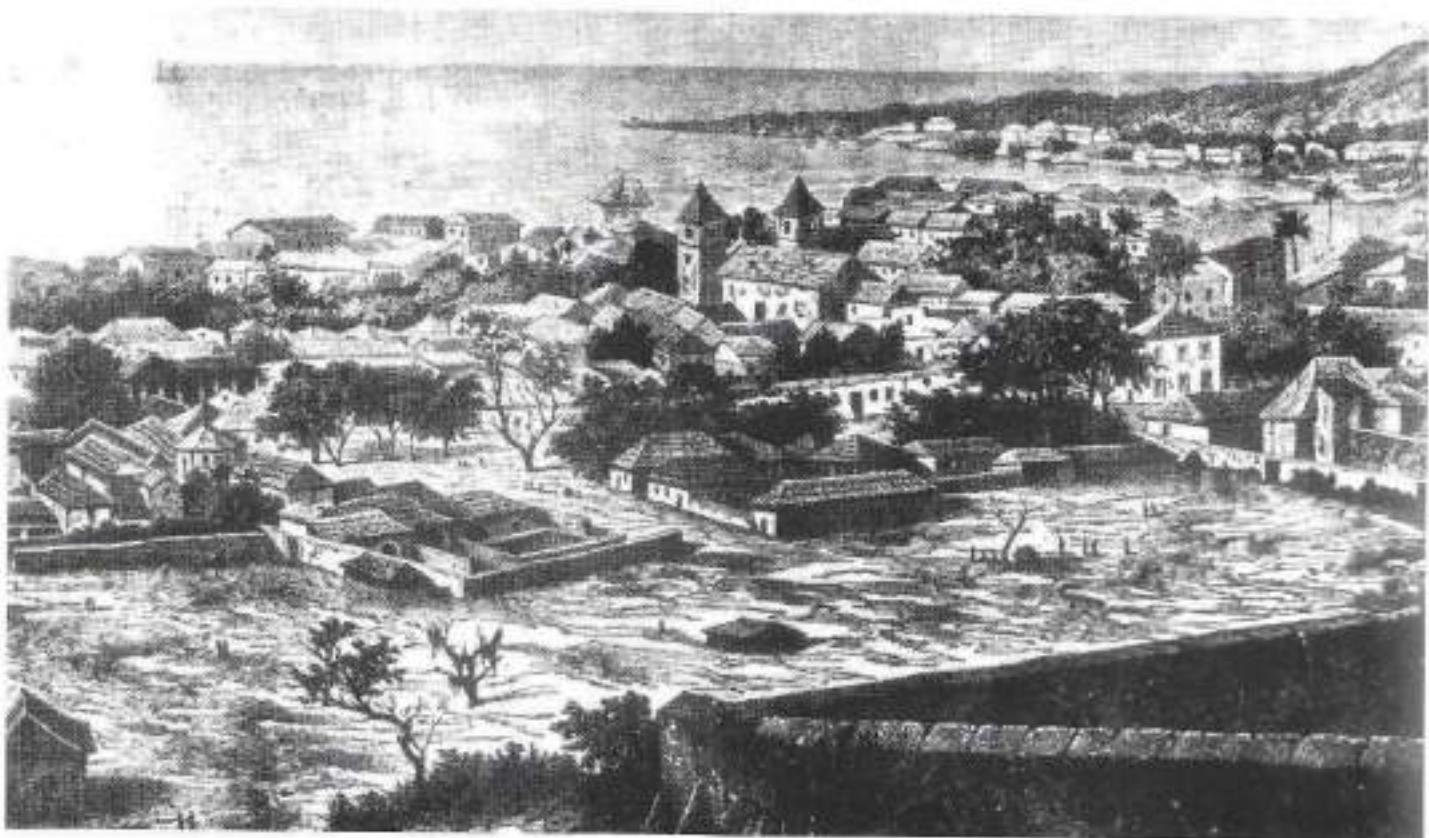
A PRESENÇA PORTUGUESA NO MUNDO

(Arquivo Iconográfico)

Neste espaço publicaremos em cada número do nosso Boletim ilustrações de um monumento, de um edifício, de uma fortaleza, de mapas de cidades ou povoações espalhadas pelo Mundo e a que estão ligados os Portugueses.



O Porto de S. Paulo de Loanda (séc. XIX)



Visão da Cidade de S. Paulo de Loanda na África Ocidental (séc. XIX)

Um Selo Português

Um olhar sobre Portugal

Um selo contém toda a universalidade da história e da cultura de uma nação.

Coleccionar selos portugueses é, por isso, entrar no mundo da própria vivência dos usos e costumes de Portugal.

É descobrir toda a plenitude da alma lusitana.

Coleccione selos portugueses e visite os lugares mais recônditos da nossa memória.

Viaje através da arte, da literatura, da música, mas também das pequenas coisas da vida quotidiana, das festas, da fauna, da flora.

Conheça Portugal inteiro, passado e presente, na dimensão de um olhar.

Emissários de Portugal desde há 150 anos, perante inúmeras e longínquas gentes, os selos portugueses convidam à descoberta deste quadro harmonioso de montanha e planície, de interior e litoral, de continente e ilhas atlânticas.

São, em síntese, uma forma muito especial de sentir e viver Portugal.

COLECCIONAR
E DESCOBRIR

